ILUMINURA TURCA

Luiz-Olyntho Telles da Silva

ILUMINURA TURCA
e outras crônicas

EDA
Porto Alegre
2015

© Luiz-Olyntho Telles da Silva, 2015.
Proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização expressa do autor.

EDIÇÕES DO AUTOR
Avenida Pirapó, 21
90470-450 Porto Alegre RS Brasil
lots@uol.com.br
www.tellesdasilva.com

Capa:
EDA, c/ colaboração de Marcelo Ferla,
s/Desenho de João Luiz Roth, 1988,
fotografado p/ Amanda Copstein
da coleção do autor.

Editoração: EDA
Revisão: Dulcinea Santos

821.134.3-94 Silva, Luiz-Olyntho Telles da
S586i Iluminura turca e outras crônicas. Porto Alegre: Edições do Autor, 2015.
176p.

ISBN: 978-85-909213-1-8

1. Literatura brasileira - Crônicas I. Título

Catalogação na publicação: Maria do Rocio F. Teixeira, CRB - 10/457

A crônica parece o gênero mais fácil, e realmente é, para os que não ousam ou não merecem tentar uma experiência literária mais duradoura.
(FERNANDO SABINO, O preço da admissão.)

Faça o que lhe parecer mais fácil!
(*Conselho a um jovem.*)

09 A crônica de Cronos

Crônicas de 2007
17 Avúnculos

Crônicas de 2009
27 A quebra-nozes
33 Pombo de papel

Crônicas de 2010 ´
39 Tsuru
45 Os vizinhos
55 Um tablao flamenco
61 Corra como um coelho

Crônicas de 2011

67 Almas à venda
77 Música, Maestro!
83 Shirin Ebadi e o exílio
93 O rapto de Lucrécia
101 Iluminura turca
107 Ler é uma grande aventura

Crônicas de 2012

113 Maria e Herodes
121 A Messias
127 O belo gesto do maestro

Crônicas de 2013

135 Garrafas ao mar
141 O engano de Calvero
147 Transitoriedade
157 Pais e filhos
167 Os suspiros do rei de Sião

A CRÔNICA DE CRONOS

Noi sem levati al settimo splendore,
che sotto 'l petto del Leone ardente
*raggia mo misto giú de suo valore.**
(DANTE, Paraíso, XXI: 13-15).

* *Alçado estás ao sétimo esplendor / que, sob o peito do Leão ardente, / mistura aos raios seus o outro valor.* - Trad. de Italo Eugenio Mauro.

A crônica é um vislumbre sobre a história. Dominado ora pela fascinação, ora pelo horror, o inusitado prende a atenção do cronista, e seu relato é o resto do qual a perplexidade não se apodera. Fale-se de futebol, de mulheres, guerras, política, ou mesmo do modo como se socava o fumo no preparo de um cigarrinho de palha, sempre nos deparamos com algum ponto da ordem do inefável, e o que escrevemos é para salvar ao menos um resto da voragem do tempo.

O modo como a crônica é empregada hoje dizem remontar ao início do século XIX, quando os escritores começaram a refletir, com argúcia, sobre a vida social e os costumes do cotidiano. Sim. Pode ser. Mas não que antes não se fizesse isso. A diferença é que antes os personagens estavam restritos às figuras da nobreza. A ocupação com os personagens comuns, aliás, caracteriza também o início

do romance moderno, antecedido este de um século.

Como recurso narrativo, a crônica parece ter sido usada desde sempre. Há mesmo quem aí inclua os relatos bíblicos, e a referência não é apenas aos livros de Crônicas I e II, os quais tomam por referência os livros anteriores. Os Anais, de Quinto Ênio, do segundo século a.C., também foram considerados crônicas. A elas retornou Virgílio para escrever sua Eneida. Nas suas palavras, do esterco de Ênio retirei o meu ouro. Mas é verdade que o gênero torna-se mais desenvolvido a partir do século XIV. Na Inglaterra, as Crônicas de Raphael Holinshed serviram de argumento para algumas peças de Shakespeare, entre elas King Lear. Antes disso, porém, as crônicas de Fernão Lopes (1380-1460), Guarda-mor da Torre do Tombo, por trinta e seis anos, descreveram os tempos de Dom João I, de D. Pedro e de D. Fernando. Ao descrever a entronização de D. João I, depois da crise dos anos 1383-85, o cronista destaca a atuação do povo como protagonista da história. Talvez se possa alinhar esse fato na proto-história da crônica moderna.

Salvar nossa memória é protegê-la da ação do tempo. Inexorável, foi colocado, com o nome de Cronos, na origem de um Deus único, tal o seu poder. Aos poucos, o tempo vai absorvendo tudo! Impressionado com sua figura e mostrando como a história pode sempre ser reescrita com uma reflexão pessoal, Francisco de Goya pinta

Saturno* *devorando um filho.*

Antes de completar quarenta anos, Francisco José de Goya y Lucientes foi nomeado, por Carlos IV, *Primeiro Pintor da Câmara do Rei*. Já era famoso e pintava retratos de toda a nobreza. Passados sete anos, que as histórias nunca são retilíneas, uma doença misteriosa e desconhecida deixou-o temporariamente paralítico, parcialmente cego, completamente surdo e afastado da corte por um ano inteiro. Recuperado em parte, voltou ao trabalho, mas nunca mais foi o mesmo. A vida na corte já não era tudo, e as pinturas de encomenda não mais lhe satisfaziam. Seus retratos precisavam mostrar também a alma dos modelos: *Doña Antonia Zarate*, atualmente na Galeria Nacional da Irlanda, por exemplo, orgulhosa e coquete, já não era uma dama da nobreza! Retratada, nos primeiros anos do século XIX, toda em negro, as mangas das luvas sem dedos, em branco, segurando um leque fechado, o olhar introspectivo dessa atriz, junto com o definido desenho da comissura dos lábios, dizem de sua profunda tristeza. Depois, em 1821, quando pinta as duas Majas, a vestida e a nua, é processado pela Santa Inquisição. Absolvido, retoma o trabalho na corte, mas seu mal-estar persiste. Admirador das ideias da Revolução Francesa, não pode estar de acordo com a vida palaciana e, entre desprezo e admiração, vige o conflito. É nesse

* Saturno é o nome latino do Deus grego Cronos, um Titã, filho do Céu (Urano) e da Terra (Geia). Temendo ser destronado pelos filhos, ele os comia, até ser destronado por um deles, Zeus, a pedido da mãe. A etimologia popular relacionou esse Krónos (Κρόνος) com Khrónos (Χρόνος), o tempo.

momento que se retira para a *Quinta del Sordo*, com sua amante Leocadia Zorilla de Weiss, e começa a pintar as famosas *Pinturas Negras*.

Entre elas, o seu Saturno. Goya já tem mais de setenta anos ao pintá-lo. Ao fazê-lo, confessa estar sob uma espécie de formação de compromisso entre a criticada vida na corte e os novos motivos de sua arte: como na corte, preenche as paredes da casa com as pinturas diretamente sobre o reboco e, de acordo com seu novo propósito, pinta cenas que lhe brotam da alma, da sua alma turva pelas frustrações da vida. Desde muito tempo, estivera impressionado com a pintura homônima de Rubens. O Cronos de ambas as pinturas é o mesmo; muda o filho! Em Rubens, o filho é uma criança pequena e em Goya, um homem grande. Entre as diferenças, uma se destaca: o uso da cor escura! Presente em Rubens como nuvem a destacar o corpo inteiro de Cronos, em Goya, esse preto adquire uma densidade na qual o próprio Cronos está mergulhado até a metade das pernas, como se ele também estivesse sendo tragado pela noite do tempo.

Por outro lado, não deixa de ser irônico pensar que Dante havia nomeado o sétimo céu do *Paraíso* como *Céu de Saturno*. Talvez por seu lugar de reitor do último céu, este anterior ao das estrelas fixas e ao *Primum Mobile*, Saturno seja conhecido também como Protetor dos septuagenários! Verdade que é nesta estância do sétimo céu onde Dante situa a alma dos contemplativos. Claro, se, chegado aos setenta,

o sujeito não fizer uma parada para dar uma olhada no percurso de sua vida, já não restará muita esperança!

Simpatizante de Don Raphael de Riego y Nuñez – o general espanhol convertido ao liberalismo francês, que se tornara presidente da Assembleia de Deputados, quando foi preso por traição, julgado e enforcado –, Goya, temendo a repressão por sua condição de liberal, deixa a Quinta para um neto e refugia-se na França, vindo a morrer, poucos anos depois, em Bordéus. A Quinta mais tarde foi vendida ao banqueiro Émile d'Erlanger, que doou as quinze *Pinturas Negras* ao Museu do Prado, tendo uma delas sumido daí.

No mesmo museu de Madrid podemos apreciar também a mencionada pintura de Rubens, dois séculos mais antiga. Ambos os Cronos expressam o conflito de seus autores, um retrato da preocupação de todos nós que, impotentes, vemos o tempo passar e engolir tudo.

Passa o tempo e resta a crônica. A ela, como recomenda Dante, misturem-se, aos raios seus, outros valores.

AVÚNCULOS

Does the Eagle know what is in the pit?
Or wilt thou go ask the Mole?
Can Wisdom be put in a silver rod?
Or Love in a golden bowl?
(WILLIAM BLAKE, *The Book Of Thel*.)*

* *Sabe a Águia o que há na toca? / Ou à Toupeira perguntará de que se trata? / Cabe a Sabedoria numa vara de prata? / Ou o Amor numa taça de ouro? – O Livro de Thel* (1789). – Trad. de José Antônio Arantes.

Uma de minhas lembranças de infância mostra uma cena pós-jantar. Na cabeceira da mesa, meu pai e, à sua esquerda, o Dr. Mosa, nosso comensal de ocasião, relatava uma experiência inusitada: ao atender um parto, no Posto de Saúde, a mulher não sabia dizer o nome do pai. *Era uma noite muito escura quando ele entrou no paiol*, disse ela com os olhos pequenos e brilhantes, nos quais a inteligência não parecia ser a primeira das fagulhas. *Depois se foi, engolido pela noite, e nunca mais o vi*. (Lucio Apuleyo, aí presente, teria exclamado: - Viram como eu estava certo?! Eis mais uma reedição de *Eros e Psiquê*.) Embora hoje os exames de DNA possam identificar a paternidade, a voz da mãe ainda é o recurso primeiro. O pai de uma criança é quem a mãe cita. Mas os exames de DNA, é preciso dizer, nesse campo da nomeação paterna, constituem-se em uma conquista secundária. Primária foi a descoberta de que

o alumbramento estava relacionado ao coito. Incrível! Houve um tempo em que o homem não estava cônscio dessa relação. O nascimento de uma criança era antes um ato mágico, fruto da passagem da mulher por um rio, por uma rocha sagrada, por um totem. Quem ajudava a mãe a cuidar do filho, era seu irmão, o tio da criança, o avúnculo. As relações avunculares constituíram o núcleo familiar por muito tempo antes de ser reconhecido o valor da exogamia.

E então, em um domingo desses,* um colunista, em *Zero Hora*, indagava por *Nossos sobrinhos das ruas*. Sem se perguntar pelas origens do termo *sobrinho*, indagava sobre os pobres e os ricos. Nesse propósito, ouvi, dois dias mais tarde, o jornalista Ricardo Boechat dizer o seguinte: *Se os Bush, pai e filho, tivessem investido os quatrocentos e tantos bilhões, gastos na guerra do Iraque, em melhorias naquele país, por certo teriam feito dele um paraíso*. Logo depois, juntando o irônico prognóstico ouvido de um colega, por ocasião da eleição do último Bush – *Quem nasceu para bush, nunca chegará a ser uma grande árvore* –, comecei a pensar na pobreza de nossa inteligência que não sabe muitas vezes dizer quem é o pai da criança, mostrando-se mais afeita a varrer nossas ver-gonhas para baixo do tapete. Lembrei logo uma passagem do Ulisses de James Joyce, no capítulo 2 da parte I, intitu-

* 18 de março de 2007, p.14.

lada *Nestor*.

Nestor. Ah! Se os Bush o conhecessem... Ele aparece na *Odisseia* como rei de Pilos, e recebendo Telêmaco afetuosamente. Mas não se trata de que o tratamento dado ao filho de Ulisses fosse um privilégio especial. Não! É um costume grego e Nestor também é assim! A literatura o apresenta como um rei já idoso, ponderado e indulgente; apoiado nas reminiscências, tagarela que é, dá um dente por uma boa prosa, e nas querelas entre os chefes gregos, sublinham, sempre aconselhava moderação.

E aí, sob a égide desse príncipe – sábio e gárrulo, jogando um tanto com Pirro, cuja vitória na batalha de Ásculo o fez refletir sobre o custo do triunfo, um tanto com Blake, no *Matrimônio do Céu* (*Heaven*) *e do Inferno*, e mesmo com o *Evangelho de São Mateus*, quando lembra que, para cada César, se deve dar o que é de sua pertença –, Joyce se apoia em um versinho chistoso, recolhido por Patrick Weston Joyce (1827-1914), do folclore irlandês, e joga para cima – sirva o chapéu a quem servir –, como numa ciranda (*riddle*), através de Stephen, o seguinte enigma (*riddle*):

The cock crew
The sky was blue:
The bells in heaven
Were striking eleven.
Tis time for this poor soul

To go to heaven.[*]

A resposta? O próprio Stephen, a garganta comichosa, oferece:

The fox burying his grand-mother
Under the hollybush.[**]

The fox? Aquela de *A raposa e as uvas?* Não! Diria antes *The Fox and the Bush!* A justificativa está no capítulo 12 da parte II, intitulado com o nome da bruxa – *Circe* –, capaz de transformar os homens em animais, conforme a seus mais salientes instintos; o próprio Stephen rearma o enigma:

The fox crew,
the cocks flew,
The bells in heaven
Were striking eleven.
'Tis time for her poor soul
To get out of heaven.[***]

Quer dizer, quem esconde a história, a memória, a grand-mother, enfim, sob o arbusto, é mesmo a raposa, cu-

* *O galo cacarejou, / O céu azulou; / Sinos de bronze / Soaram onze. / A hora da pobre alma / Ir pro céu chegou.* – Trad. de Bernardina da Silveira Pinheiro.

** *A raposa enterrando sua avó debaixo de um azevinho*. Trad. de Bernardina da Silveira Pinheiro.

*** *A raposa cantou, / O galo cacarejou, / Sinos de bronze / Soaram onze. / A hora da pobre alma / Sair do céu chegou.* – Trad. de Bernardina da Silveira Pinheiro.

curicante qual um galo voador. Uma figura demasiado óbvia para ser glosada. A raposa sedenta provavelmente matou sua avó. O céu, agora, já não é seu lugar! – *Get out!*

E o paraíso do Boechat? Por certo não passa de um recurso de linguagem. Voltar ao paraíso, sem a ciência do bem e do mal, seria o caos! O retorno só tem sentido com a experiência e os conhecimentos adquiridos. A repetição tem que ser com diferença. Seu ideal há de ser, como o nosso, de uma vida melhor para todos.

Lembrei-me então de uma *ironia cruel* de Saramago: *Queira Deus que nunca se extinga a caridade para que não venha a acabar-se a pobreza*. O autor aponta para lugares epistemológicos necessários. Estou de acordo, não há o preto sem o branco, uma coisa se define através daquilo do qual se exclui! A diferença é fundamento da cultura. Mas daí a defender a pobreza? A dos nossos sobrinhos? Não era essa a ideia do Nobel Português! Penso antes estar presente aí o valor da inteligência, esse fenômeno tão importante, quanto desconhecido.

A frase de Saramago está em *O ano da morte de Ricardo Reis*. Enquanto, em 1936, Portugal sofre os efeitos do fascismo, passeia o protagonista, em seu retorno a Lisboa, depois de um período de exílio no Brasil. Aí, subindo a rampa da Calçada dos Caetanos, podia apreciar bem o ajuntamento de mais de mil pessoas, *uma gente de xale e lenço, de surrubecos remendados, de cotins com fundilhos doutro pano*, todos juntos à espera do bodo do Século, *formando uma nódoa*

parda.

Essa cena desanimadora, presente a cada tanto nos mais diferentes cantos desse mundo, propicia-me a leitura, em Saramago, da força de uma ironia inteligente contraposta à pobre inteligência de certas políticas. E não me refiro só à dos fascistas, à dos Presidentes Bush, menos ainda à de Tony Blair, também conhecido como *The Fox*; falo sim da pobre inteligência de todos nós que não conseguimos encontrar uma alternativa ao mal.

As ciências físicas, tão desenvolvidas, possibilitando um avanço tecnológico nunca visto antes, levando o homem a viajar pelas estrelas, e as pobres ciências humanas, andando a passo de caranguejo. Os ciúmes e os ódios parecendo ganhar sempre maior proporção, gerando guerras, matanças, e enriquecendo o bolso de uma minoria. Eis a situação!

Está bem, o mal é necessário, sem ele talvez a cri- ança não reconhecesse o mundo. Mas será preciso incrementá-lo cada vez mais? Quem não se lembra de *Bonequinha de Luxo* (*Breakfast at Tiffany's*), baseado no romance de Truman Capote e dirigido pelo Blake Edwards? Pois pergunto: quem pensaria hoje em filmar uma cena como aquela, com Miss Golightly, completamente só, a olhar tranquilamente, em plena Quinta Avenida, uma reluzente vitrine da luxuosa Tiffany, às seis horas da madrugada? E o filme é de 1961 (o romance é de 1950). Nem faz tanto tempo assim.

Será a super-riqueza econômica, ainda, uma maneira de compensar nossa pobreza intelectual – pensando valer-se dela? Será que continuo considerando, pobre de mim, a raposa, símbolo da esperteza? Mas *the fox*, não esqueçamos, o que melhor faz, quando não consegue alcançar o que quer, é destruir o objeto do seu desejo.

Março de 2007, 20

A QUEBRA-NOZES

Vasos de barro somos nós,
quebradiços e achacados.
(ALMEIDA GARRETT, *Dona Branca. Canto 7º, v.VIII.*)

É **Natal! Desfrutamos as** festas da família e dos amigos. É assim há muito tempo. Com neve ou sem neve, sempre estão o pinheiro, o presépio, o boi e o burro, os doces, a alegria das crianças e as nozes. Um tema sempre pungente. Setenta anos após a morte de Ernst Theodor Amadeus Wilhelm Hoffmann, em 1822, autor de *O quebra nozes e o rei dos camundongos*, Pyotr Ilyich Tchaikovsky apresentou, em 1892, o balé *Quebra nozes*. Conta a história de Clara e seu presente de Natal: um quebra-nozes em forma humana, vestido com um uniforme militar. Ela o ganhara do padrinho durante a festa organizada por seu pai, médico e prefeito da cidade. Corroído de inveja, seu irmãozinho termina por quebrar o braço do soldadinho, e Clara, muito sentida, dorme abraçada com o boneco, e sonha.

Agora, é a segunda parte do balé: na sala metamor-

foseada em floresta, Clara é atacada pelos camundongos e o soldadinho, transformado em capitão de um regimento, investe contra o Rei dos Camundongos, pondo-os em fuga. Uma lágrima de Clara desfaz o encanto e o soldadinho de madeira revela-se um príncipe que a leva de passeio pela Terra Encantada, seguindo um roteiro parecido ao que o autor já desenhara no mapa de *Mademoiselle de Scudéri*: da Terra da Neve, com seus flocos dançantes, passam à Terra dos Doces onde o *pas de deux* dançado pela Fada Bombom com o Cavalheiro, em homenagem aos viajantes, é uma alegoria do que passa em seu coração. Já desperta, Clara leva o quebra-nozes quebrado para ser consertado por Herr Drosselmeyer, seu artífice, que neste momento está envolvido com o sobrinho em quem ela reconhece o sonhado príncipe.

Pois outro dia, eu mesmo, às voltas com um quebra-nozes, enquanto ouvia a história de uma mocinha, cuja avó quebrava, por dia, sessenta quilos de nozes, no muque, ocorreu-me perguntar se ela também saberia como tirar a noz inteira, sem quebrar aquele minúsculo cérebro que tem dentro, uma antiga curiosidade minha. E a resposta foi de que a mocinha passava por longe do trabalho de sua avó, não querendo saber de nada disso! E, então, a conversa mudou para o controverso Ato Médico, recentemente debatido na televisão. Foi no desenrolar desse tema que me ocorreram as histórias de Hoffmann e a da netinha da Quebra-nozes. No debate, a discussão parecia ser antes em torno do *quem pode*

mandar do que *quem pode fazer*, com o *moderador* claramente do lado do Prefeito, quero dizer, do Médico. De algum modo parece não quererem mais que as pessoas se responsabilizem pelo que fazem; devem só cumprir ordens e, no lugar das lideranças naturais, a chefia por decreto, a responsabilidade delegada aos escolhidos. Bons tempos aqueles quando o que fazia era convidado a também participar das decisões, e gerava personagens nobres!

Dezembro de 2009, 30

POMBO DE PAPEL

落花枝に
帰ると見れば
胡蝶かな
荒木田守武

rakka eda ni / kaeru to mireba / kochô kana (ARAKIDA MORITAKE).

O ano termina. Como uma flor caída, não retornará ao seu galho. Assim se expressava o poeta Zeami (1363-1443), do teatro Nô, na peça *Yoshitsune em Yashima*. Todos sabemos disso, embora no Ocidente o costume seja dizer – de forma menos delicada –, que a palavra dita não volta à boca, assim como a pedra jogada não volta à mão de quem jogou! Mas quando latinizamos com o clássico *tempus fugit*, resta uma ideia, embora longínqua, de que se pode perseguir o tempo. No *Purgatório* (IV, 9), Dante expressa-se assim: *Vasene 'l tempo e l'uom non se n'avvede*. Não queremos admitir nossa finitude. No inconsciente, dizia Freud, todos nos cremos imortais. A morte é um saber que se busca contraditar. Arakida Moritake, um dos mestres do Haikai, que provavelmente viveu entre os anos de 1473 e

1549, compôs o haicai epigrafado, convencionalmente traduzi- do por:

Uma flor que cai –
Ao vê-la tornar ao galho,
Uma borboleta!

Jacob Klintowitz, reconhecido crítico de Arte, e um estudioso do teatro Nô, somando-se àqueles que continuam confiando na possibilidade de renovação da humanidade, traduziu-o assim para os amigos:

Eu penso: as flores caídas
retornam aos seus galhos
Mas não! São borboletas.

O conhecimento, dizia Bachelard, é sempre a reforma de uma ilusão – o que não nos impede de continuarmos a sonhar, eu poderia acrescentar.

Isso me fez lembrar uma correspondência particular entre a Secretária da Embaixada Japonesa em Washington, Kimiko Hirota, e Pablo Ortega, Secretário da Embaixada de Sacramento, também em Washington: os haicais serviam-lhes de sublimado veículo amoroso. E então, no transcurso dos dias sucessivos à morte do Ministro John Foster Dulles, Pablo Ortega, quando já sabia que a presença de uma flor, o mais das vezes de cerejeira, representava sempre a primavera, que o grilo sugeria a noite, o cuco o entardecer e o sino as primeiras cores da manhã, compôs um haicai representativo, *malgré tout*, da sempre presente esperança no coração dos amantes:

Com cartas brancas,
O senhor cônsul solta
Pombos de papel.

Foi assim que nos contou Erico Verissimo em *O Senhor Embaixador*.

Dezembro de 2009, 31

TSURU

O ano Velho bateu asas e voou. Agora é o Ano Novo.

A arte japonesa inspira-me este senso de organização, sempre tão necessária quando é preciso planejar novas atividades. Ela parece envolver uma sabedoria tão milenar que algo da verdade deve conter! E isso não só na sua poesia.

O começo do mês de janeiro é um desses períodos. Ainda recebemos votos de saúde, alegria e prosperidade. Alguns foram atrasados pelo correio, outros vieram de amigos demasiadamente ocupados nos últimos dias do ano que passou. O primeiro mês do nosso calendário recebeu seu nome em homenagem a Jano justamente por isso. Sendo um deus bifronte, ele olha para frente e para trás! E, por vezes, espia também para a direita e a esquerda. Cuida

que não se esqueça de nada!

Não satisfeito com essa clara e permitida justificativa, um amigo, bem humorado, explicou seu retardo contando-me que gastara um enorme tempo à procura de uma maneira de formular os votos para sua efetiva realização; estava já muito perto dessa descoberta, porém, como não tinha resolvido completamente esse enigma, demorara demais, terminando por se atrasar. Gestos como esse, eu os incluo na categoria dos *beaux gestes*; são dos amigos que nos têm junto ao coração com uma boa lembrança. Sentimentos assim são sempre recíprocos.

Em um primeiro momento, tomado pelo mesmo espírito, brinquei com ele, dizendo-lhe de minha surpresa: como, justamente ele, um descendente do Rabino Yehuda Loevy, *O Maharal de Praga*, criador de um *Golem* capaz de obedecer a todas as ordens, não conseguia fazer algo assim tão simples?! Mas logo me dei conta de haver aí algo mais sério.

A realização dos desejos é um tema de sempre! Quem não lembra histórias envolvendo a fonte dos desejos?! A do Eldorado, pelo qual tantos deram a vida? Nós a incluímos nos votos para as pessoas queridas porque representa sempre um carinho, uma atenção. É assim por todos os lados.

Os psicanalistas vêem nos sonhos uma forma, ainda que alucinatória, de realização de desejos. E, no Japão, fiquei sabendo, não faz muito, existe uma formula infa-

lível para a realização dos desejos! Está ligada à arte dos origamis e à ave que a representa, o *Tsuru*.

Na cultura japonesa, dizem que o *Tsuru* – conhecido por nós como Grou, esse pernalta cultrirrostro e de amplas asas –, vive mil anos. Companheiro dos místicos, o *Tsuru* passou a representar juventude e longevidade. Em suas asas pode carregar a alma dos mortos para o outro mundo e, para nós, como herança da cultura europeia, por sua parecença, é a cegonha que traz os nenês.

O *Tsuru* convive com inúmeras gerações, desde muito, tendo sido, inclusive, um alimento fácil em toda a Ásia, por centenas de anos. Na arte origami, sua dobradura constitui-se no esquema básico para a construção de inúmeras outras figuras, o que, por certo, contribui para sua difusão e conhecimento. E então a lenda: aquele que construir mil origamis de *Tsuru*, expressando seu desejo a cada dobradura, quando completar o *sembazuru* (mil *Tsurus*), vê-lo-á realizado!

Que estamos esperando? Mãos à obra!

Janeiro de 2010, 15.

OS VIZINHOS

Es kann der Frömmste nicht im
[Frieden bleiben,
Wen es dem bösen Nachbar nich
*[gefällt.**
(FRIEDRICH SCHILLER,
Guilherme Tell, Ato IV.)

* *O mais pacato não pode ficar em paz, / Se isso ao mau vizinho não apraz.* - Trad. do A.

Por estas coisas do destino, eu chegara à estação rodoviária com alguma antecedência. Tratava-se de uma viagem regular, a trabalho e, normalmente, sempre apressado, costumava chegar em cima da hora. Mas naquele dia tudo estava tranquilo e o tempo sobrava. Já tirara um livro novo de minha sacola de mão e estava preparado para passar da melhor maneira aqueles minutos. Contudo, não avancei da segunda linha. Mal o autor começara a situar o local do drama, a *Encruzilhada dos Rebeldes*, situada em uma longa rodovia que cruza a Califórnia de Norte a Sul, um endereço repleto de insinuações, quando, ao levantar os olhos, percebi aquele homem alto, magro, um tanto calvo, vestido com um casaco de antílope, parado à minha frente e olhando para mim por trás de grossas lentes. Reconheci-o de imediato. Depois de quarenta anos, ali estava Vítor Hugo, meu querido amigo de infância. Sem nenhuma palavra, abraçamo-nos, incrédulos e emocionados. A partida de seu carro, todavia, era iminente e mal tivemos tempo para nos olharmos na tentativa de adivinhar como o tempo havia nos

tratado. Ele ainda brincou: - Homem não chora! E se foi, deixando em mim uma sensação de um curto circuito entre duas escuridões.

Em seguida, com o livro no colo, os óculos de leitura no bolso do casaco, as cenas de polícia e bandido invadiram minhas lembranças: meu revólver preferido era um de verdade, uma garrucha que encontrara enterrada no pátio e com a metade do cano desmanchado pela ferrugem. Fazia com que me sentisse especial, um detetive armado de um *snubnosed*! Ah, e quando Teresa vinha brincar de circo conosco! Estendíamos um arame entre duas árvores, no fundo de nosso terreno, e, armados de uma maromba feita de cabo de vassoura, frente a um público formado por nossos cachorrinhos, sempre atentos, éramos os brilhantes astros equilibristas! Então meus pais tiveram de mudar de endereço, passaram-se todos esses anos, e nunca mais tive notícias deles. Mas aquele brevíssimo encontro revelou-me uma memória viva. Uma vez Teresa, um ou dois anos mais nova do que nós, aos seis ou sete anos de idade, veio brincar vestida só com um maiozinho verde musgo, de lã, com um laçarote costurado na cintura. Linda! Eu pensava que um dia, quando crescesse, casaria com ela, mas ali, Vítor, seu irmão, é que era o Príncipe libertador do Cisne e eu, desajeitado, provavelmente só um dos sapos. Sem aquele encontro, tudo isso provavelmente permaneceria dormindo na noite do tempo. Os cachinhos loiros de Teresa, as corridas de bicicleta com Vitor... Não foi difícil identificar aí pelo menos

uma das origens de meu interesse nos vizinhos. Sempre via em cada um deles um amigo, e me surpreendia quando a recíproca não era verdadeira.

Foi então que percebi a coincidência dos números. Vítor Hugo e Teresa moravam no nº 13. Lembro bem porque aquelas foram minhas primeiras aulas sobre a mitologia do número treze. Não podia ser verdade! Azar?! Só se fosse por ter me afastado de sua companhia! De súbito, ocorreu-me, naquele momento, que o número de vizinhos no prédio em que então morava era o mesmo treze!

A esta altura da vida, já não tão supersticioso, o treze havia se transformado, para mim, em número de sorte, benfazejo até. Era verdade! Com os vizinhos mais próximos tudo corria bem. Com a vizinha do mesmo andar, então, parecia um constante idílio. Se vez que outra lhe salvávamos a vida com uma xícara de açúcar ou um litro de leite, ela nos retribuía com carinhoso pote de mel, vindo diretamente das colmeias de seu sítio. Com os vizinhos dos andares mais afastados, porém, as relações já não eram assim... digamos, tão melífluas. Algumas foram até embaraçosas! Em certa madrugada, por exemplo, acordamos, minha mulher e eu, com a batida de saltos altos, caminhando nervosamente de um lado para o outro, no andar logo acima de nossas cabeças. E depois, nas noites seguintes, o tac tac se repetindo, sempre na mesma hora, começou a incomodar. Em algumas noites, ao tac tac acrescentava-se um arrastar de móveis. Parecia isso, pois

sabíamos que aqueles vizinhos haviam se mudado há pouco tempo para cá. Que fazer?! Pois tomamos coragem e resolvemos falar com o marido da Sra. Tactac. Ele tinha de tomar conhecimento disso e dar um jeito naquela incômoda situação. Foi quando começamos a armar um plano – o mais delicado possível, para arranjar um encontro com ele e poder falar mansamente, sem ofensas –, que nos ocorreu a derradeira hipótese: e se não fosse ela a autora dos tac tac? Não poderia ser ele, usando os sapatos dela, barulhento apenas pela falta de prática no ofício? E, constrangidos com nossa nova teoria, já não sabíamos como levar nossa conversa adiante. Mas, em relação aos outros vizinhos, sentíamos sermos nós os observados. Pareciam desconfiar do que eu fazia passando os dias internado dentro de casa!

Foi então que me veio à lembrança o observador de vizinhos do filme *Janela Indiscreta*, do Hitchcock. Lembrei-me até de ter pensado que, mesmo em inglês, o título – *Rear Window* (*Janela de trás*) –, fazia muito sentido: ao mesmo tempo que das janelas espiadas, dizia também daquela por onde se espiava. Em português, contudo, a tradução não deixava lugar a dúvidas: indicava o enquadramento de uma discreta indiscrição. A história, no romance original, homônimo, de Cornell Woolrich, conta as aventuras de um personagem à procura de distração, enquanto convalesce da fratura de uma perna, preso a uma cadeira de rodas e trancado no seu apartamento. Armado de binóculos e protegido pela sombra das cortinas, ele se distrai observan-

do a vizinhança. A monotonia da situação se rompe no momento em que, convencido da realização de um assassinato, pede a um amigo detetive para investigar o caso. E imediatamente me identifiquei com o suspeito. Pudera! Uma vez eu mesmo, denunciado por algum vizinho suspeitoso, havia recebido a visita de um Fiscal da Prefeitura querendo saber se eu usava o apartamento como residência; embora tenha ficado muito nervoso, minha resposta afirmativa foi suficiente para o Servidor dar-se por satisfeito e deixar-me em paz. E isso por uma suspeita inespecífica; imagine-se o que seria por uma desconfiança de assassinato! Verdade que no romance o suspeito não era tão inocente. Mesmo assim o convalescente curioso prendeu minha atenção. Acomodado para vigiar e esperar pelos novos acontecimentos nas redondezas, sua posição de observador privilegiado é descrita assim, na tradução de Rubens Figueiredo para a Companhia das Letras: *Eu tinha um assento na tribuna de honra. Ou numa tribuna de honra pelo avesso. Eu só podia ver os bastidores, não a frente*.

Ora, as informações obtidas nas bambolinas são diferentes das apresentadas no palco, feitas com o objetivo de proporcionar um determinado efeito. As informações de cocheira, como se diz no Jóquei-clube, parecem sempre mais valiosas, embora muitas vezes os resultados das apostas mostrem ser falsas. Mas é aí, *on her rear veranda*, que uma das personagens acrescentadas ao *screenplay* – por John Michael Hayes, o roteirista que adaptou o romance para o cinema –,

desesperada, ao saber que alguém havia matado seu cachorrinho, grita, como contraponto, sua indignada constatação: - *Não sabem o que significa a palavra vizinho! Vizinhos se gostam, conversam, preocupam-se se estamos vivos ou mortos. Nenhum de vocês faz isso!* Em seguida, referindo-se ao cachorrinho recém-morto, exclama: - *Ele era o único aqui que gostava de todos!*

A interpolação me resultou interessante: enquanto a dona do cachorro mostra-se ingênua e sua reclamação é *urbi et orbi*, o observador não! Ela parte do princípio de que as pessoas são boas e delas se pensa sempre o melhor, enquanto ele, quando observa os detalhes e percebe algo fora do lugar, logo pensa na má intenção de seu semelhante e passa à ação! Suspeitando de que o assassino matara também o cachorro, como um titeriteiro, especialista em drama, com as mãos ocultas pelas sombras, pede à namorada* para colaborar também na investigação.

Os dois personagens apontam para a dificuldade de conhecer o outro, mas enquanto um se contenta com a reclamação, dando-se logo por vencido, o outro de certo modo sublinha a preponderância da superficialidade nas relações e as fáceis generalizações.

Pois bem, os relacionamentos mais profundos e estáveis exigem independência, reconhecimento das diferenças e disposição para tolerar frustrações; em uma pala-

* No romance, é ao seu ajudante, Sam, que ele incumbe das diligências.

vra: maturidade. Porém, enquanto espíritos criativos têm na infância sua grande fonte de inspiração, para muitos, amadurecer ainda implica, antes de tudo, abandonar a infância, e, dentre as mais importantes conquistas daqueles primeiros anos, estes acreditam que se devam repudiar também aquelas relações de amizade marcadas pela mais pura confiança e sinceridade!

Embora todos, no íntimo, admirem essas amizades que duram por toda a vida, conhecer o outro e manter as boas relações de camaradagem nunca são coisas fáceis de fazer! E não se trata apenas de uma dificuldade nova-iorquina, como as do filme. Parece difícil em qualquer latitude.

Então, caro leitor, que me diz? É fácil conhecer os vizinhos? Será que todos usam algum disfarce, alguma máscara, como fez William Irish, por exemplo, ao esconder-se sob o pseudônimo de Cornell Woolrich? E, por não conhecê-los, temos de lhes atribuir má intenção? Talvez, mas não antes de bem observar os detalhes.

Março de 2010, 15.

UM TABLAO FLAMENCO

Physis kriptesthai philei.[*]

(HERÁCLITO, *Fragmento123*.)

* A *natureza ama esconder-se*. – Trad. de vários tradutores (incluindo Ernildo Stein), coordenados por José Cavalcante de Souza para a Col. *Os Pensadores*, da Abril Cultural, São Paulo, 1978.

Por recomendação, assisti à peça *Bodas de Sangue*, de Federico García Lorca. No palco, encabeçando um grande e talentoso elenco, a experiente Sandra Dani, marcando, de modo indelével, o caráter forte da matrona, contracena com a jovem Sissi Venturini, muito bem no papel da mimada e desorientada noiva; Fabrizio Gorziza representa o jovem e ingênuo noivo apaixonado; Marcelo Adams, o único personagem com nome próprio – *Leonardo* –, é uma furiosa vítima das negociatas familiares que não reconhecem os sentimentos amorosos; Margarida Leoni Peixoto faz uma dedicada babá da noiva, capaz, com sua atuação, de mostrar a relevância das cenas.

Para assistir à apresentação inaugural, cheguei com os quinze minutos recomendáveis de antecedência. No palco já estava todo um corpo de baile sobre um *tablao flamenco*. E bailavam! Por sobre o *tablao*, à volta do *tablao*, desbra-

vando limites, bailavam. Estavam ali todos os atores. Lembrou-me o valor da antecedência. A vida sempre tem um antecedente. A cada episódio antecede inevitavelmente toda uma história. São momentos de um jogo, momentos de um baile. Da Andaluzia para a Espanha, e daí para o mundo, o *flamenco* conta uma história sempre turbulenta. Os mouros, os ciganos, os judeus, a Santa Inquisição; a tolerância e a intolerância religiosa a constituir o estofo das histórias, das vidas, dos bailes.

Ver a vida como um baile revela, de entrada, toda uma perspectiva. É o *flamenco*! Está a música, estão os cantos, está o discurso comum. *Bodas de sangue* é uma história desse discurso comum, uma história de camponeses. O conquistador árabe também se torna camponês quando é preciso; o *felah*, sempre de passagem pelo mundo, em busca de novas terras, vai deixando suas marcas nos costumes, nas etimologias. Perseguido, na Espanha ele se torna um *felag mengu*, um *flamenco*. Vítimas de suas histórias, as relações só são possíveis com a interposição de quilômetros de distância ou então da morte, cujo signo é a navalha.

O jovem noivo já tem as terras para a vinha e quer se casar. Sua mãe, uma viúva de cujo casamento desfrutou por escassos três anos, perdendo marido e um filho para a navalha, espreita a cada movimento sua ação; dividida entre uma história de perdas e o chamado das gerações, em determinado momento do primeiro ato, emerge em significativo ato falho: ao dizer *não vou calar*, disse *não vou casar*.

Embora ceda ao apelo da carne e já sonhe com os netos, prevalece a força da história.

Em casa da prometida, a morte precoce da mãe deixara um rastro de dificuldades. Demasiado carente, a noiva já havia tido outro noivo, tão pobre quanto ela, sem terras suficientes para ver os sarmentos da vinha. Na sogra desse novo noivado, como lhe diz o pai, terá, por fim, uma mãe, e as terras. Mas os presságios antecipam a desdita: enquanto a nubente, siderada, joga ao chão a grinalda, o noivo, descuidado, deixa o presente de casamento cair. Aproveitando-se da situação, Leonardo, o ex-noivo, inconsolado, rapta a noiva na festa das núpcias. É o momento apoteótico em que o pai da noiva cai em si! Mauro Soares, no papel desse pai que só pensava na extensão de suas terras, representa nesse momento toda a força da tragédia: com sua filha, isso não podia acontecer! Mais fácil acreditar tivesse se atirado a um poço! Mas o poço é reservado apenas ao suicídio das mulheres puras.

É chegada a hora do sangue. Das vinhas abertas escorrerá o sumo da raça para saciar a exigência da honra e não mais se verão os esperados racimos. A noiva será como sua admirada nova mãe, uma viúva com dois mortos enterrados no pátio.

Inerente ao *flamenco*, a música é sempre presente, afinadíssima. Intrincada com mestria, a voz da canção segue às notas do violão. E o coro canta: *Que desperte a noiva a manhã das bodas*. A noiva sabe que tem um passo importante a dar,

mas, para isso, sabem os outros, ela tem que despertar. Quem nos desperta para essa verdade são os diretores Luciano Alabarse e Luiz Paulo Vasconcellos, ao trazerem, com seu maravilhoso elenco, a luz da Andaluzia aos nossos palcos.

Maio de 2010, 28.

CORRA COMO UM COELHO

Ridentem dicere verum
*Quid vetat?**
(HORÁCIO, *Sátiras, 1, 1, 24 s.*)

* *O que impede de, / Rindo, dizer a verdade?* – Trad. de Ivone Castilho Benedetti.

Fui assistir à Corra *como um coelho* como quem vai prestigiar o trabalho de um filho, de sangue doce, sem preconceitos. A atriz, Carolina Bianchi, filha de uma amiga querida, tinha, *a priori*, a mesma simpatia que dedico à sua mãe: uma simpatia enorme. Fui como quem vai assistir a uma peça na escola. Porém, surpresa! Logo vi não ser nada disso! O cenário era rico, pleno em detalhes, e mostrava uma cena armada. No primeiro plano de um palco muito próximo do público – estávamos no Teatro do SESC, em Porto Alegre –, uma mulher estendida no chão, de bruços, e, na parte posterior do palco, aos fundos, uma pessoa sentada em uma poltrona, lendo um jornal. E lendo esse jornal ficou, desde antes do início até o fim. Vindos da plateia, entram em cena outros dois atores para movimentar o espetáculo. Representam algo do tipo pastelão, até reconhecerem a presença do corpo caído que logo levantam. Não era a menina da minha imaginação; erguida, eis que surge *the*

woman in red! Adorável. Diz coisas e as repete, na mesma ordem, em outra ordem, como composição, como refrão, sucessivamente, sempre as mesmas palavras. Reconhece-se no texto, entre outros, referências a David Lynch, Dorothy Parker (née Rothschild), e Charles Lutwidge Dogson sob a máscara de Lewis Carroll. A história de *Alice e o coelho maluco* passa a constituir o pano de fundo. Tudo gira. Giram até os móveis, todo o décor. Ao final, a maior parte dos objetos do cenário está em posição diametralmente oposta ao início. Imóvel, permanece apenas o leitor de jornal. Lembro-me das palavras de Donaldo Schüler: - *A legião de leitores vai perdendo seus bravos à medida que marcham do jornal em direção ao livro*. Recordo-me também de um quadro de João Luiz Roth, de 1988: um bico de pena, representando, no primeiro plano, um homem sentado, segurando, diante do rosto, embora um pouco afastada, uma máscara; está vestido a rigor, mas os pés estão nus. Em segundo plano, um homem, que pode estar despido, carrega nos braços uma mulher nua.* O modelo pode ter sido o rapto das sabinas. O leitor de jornal tem no matutino uma máscara. Já ninguém sai à rua sem ao menos ter passado os olhos pelo jornal. Os homens veem o mundo pelos olhos dos tabloides. Os personagens, mudando constantemente de perucas e disfarces, são como todos os transeuntes do cotidiano. Enquanto lê o jornal, o homem sonha: a balbúrdia, a confusão, a troca de lugares;

* Ver a figura da capa do livro.

nada impede o mundo de continuar girando. Algo do *Finnegans Wake*, de Joyce, está presente. É o mundo viconiano preparando o retorno. As fantasias de sempre, a cultura do mundo, e o coelho a gritar: - *É tarde, é tarde!* E o sangue já não é doce, é quente e arde.

É uma peça madura. Se o homem contemporâneo passa por um momento difícil, estamos certos de que alguém está pensando o mundo em que vivemos. Corre, corre *Carroll*ina Bianchi. Palmas! Palmas!

Julho de 2010, 31.

ALMAS À VENDA

Para Ricardo Landeira

Nul ne peut se figurer comment sont tenus les comptes des âmes.[*]
(JOAQUIM NABUCO, *Pensées Détachées et Souvenirs.*)

* *Ninguém pode imaginar como é conduzida a contabilidade das almas.* – Trad. de Carolina Nabuco.

Minha filha menor chegara àquela idade em que todas as crianças querem um cachorro. A esta altura, minha experiência anterior já havia me ensinado que o melhor é dar. E demos! Uma gracinha, filha de uma *lady* inglesa, com *pedigree* e toda a documentação de nobreza, Thyfannie recebeu seu nome após passarmos cuidadosamente por uma longa lista; a escolha teve a ver com o som, pois os cães labradores, disseram, tendem a escutar melhor os sons com /i/. Era linda, com um pelo preto, brilhante como se recém lhe tivessem passado Glostora.

Thyfannie chegou a nossa casa com um pouco mais de dois meses de idade, uma bolinha peluda sempre pronta a brincar e empenhadíssima em nos conquistar. Mas seus dentinhos, começando a crescer, davam-lhe uma coceira desmedida e ela precisava estar sempre mordendo alguma coisa. No início, os ossinhos de borracha eram suficientes,

depois fomos agregando uns biscoitos feitos de couro que ela não terminava nunca de mastigar. E houve um dia em que a encontramos mordendo o marco de uma porta; logo depois, foi a vez de um sapato de minha mulher ser estraçalhado por aqueles alvos e já possantes caninos. Então, já não foi mais possível conciliar as gracinhas de Thyfannie com os prejuízos. Bem negociado com minha pequena, conseguimos sua autorização para instalá-la na chácara. E lá se foi ela, bem contente, e nós, todos os fins de semana, correndo para visitá-la.

Thyfannie cresceu solta e um dia suas tetinhas apareceram mais intumescidas, o ventre um tanto acentuado, e em poucas semanas deu à luz nove cachorrinhos, sete peludas bolotinhas pretas e duas brancas; difícil dizer qual a mais linda. Quando se pega um filhotinho desses e ele começa a lamber os dedos da sua mão, uma ligação se estabelece, para sempre. Mas eram muitos! Impossível ficar com todos. E então começamos a pensar nos possí- veis candidatos para adoção.

Isso aconteceu há muitos anos. Minha filha cresceu e Thyfannie, depois de nos dar tantas alegrias, morreu de velha. Acompanhamos a vida de seus filhotes por certo tempo e hoje tenho notícias apenas de um, já bem velhinho também. E acho que já não lembraria nada disso não fosse o comentário de um amigo a quem recomendei o filme da diretora Sophie Bartes, *Almas à venda* (*Cold souls*). Em sua resposta brincalhona ele me dizia que o maior problema

não é o de vender a alma, mas o de quem irá comprá-la. – Verdade! É bem assim quando se estabelece uma intimidade com algum objeto, não é fácil nos desfazermos dele! Queremos saber para quem ele irá, embora essa preocupação quase nunca adiante muito. Com os filhotes da Thyfannie, juro que tivemos todos os cuidados possíveis, mas não adiantou. Por incrível que pareça, um dos candidatos, eu diria justamente aquele com a aparência de ser o mais cuidadoso e carinhoso com os *pets*, antes ainda de completar um mês com o filhotinho, teve de passá-lo adiante porque sua esposa não aguentou mais a presença do cãozinho em casa. Então aprendi: o destino do que sai de nossas mãos já não está em nossas mãos. Uma frase a ser epigrafada!

Mas em Almas à venda não tem nada disso. As pessoas se desfazem de suas almas sem perguntar para onde vão. Enquanto a alguns lhes basta saber – simplesmente – que ficarão guardadas em um alojamento seguro, a outros pouco se lhes dá; vendem-na – inexoravelmente – para matar a fome.

Preocupado com sua alma estava Paul Giamatti. No filme, ele representa a si mesmo, um ator com dificuldade em entrar no papel de um personagem. Representar-se a si mesmo, no teatro, não é exatamente uma novidade. Em *Quero ser John Malkovich*, por exemplo, com o próprio John Malkovich, o tema foi tratado com mestria por Charlie Kaufman, embora em ambas as histórias esse mo-

do de representação não passe de um argumento retórico do autor do roteiro. No caso *princeps* da *Divina Comédia* também; Dante, além de desenvolver o relato na primeira pessoa, inclui a si mesmo como personagem. Em *Almas a venda* se trata de um personagem que precisa introjetar o papel de outro personagem, e não de um personagem qualquer, mas de uma figura dramática de Tchecov, de um personagem russo; trata-se, por fim, da decantada alma russa.

A peça em destaque é uma das mais conhecidas do autor, *Tio Vânia*, e sendo Paul Giamatti o extraordinário ator que é, temos o direito de supor que seu papel fosse o principal, quer dizer, o papel de Ivan Petrovitch Voinitskii, tratado na intimidade como *Tio Vânia*. Mas isso também não tem importância, o que está em jogo é o espírito da peça. Sua alma?

A *alma*, diz-nos Platão, é o princípio vital, mas é também o pneuma, o sopro, o espírito que dá forma ao corpo. Ocidentais, não podemos supor a vida sem a alma. Quando dizemos de alguém um desalmado, é só uma força de expressão para caracterizar uma pessoa de má índole.

E aí está Paul Giamatti, com uma crise de identidade. *Eu vejo meus pés*, diz ele, para em seguida perguntar: *Como sei que são meus?* No segundo ato de Tchekov, na primeira entrada em cena de Serebriakov, o professor, que escreve sobre arte sem entender nada de arte, diz – em paralelo ao filme –, ter sonhado que sua perna esquerda não era a sua.

Há uma dor, lancinante, mas não se sabe bem se é gota ou reumatismo. A dúvida instala-se no espírito da peça. Para Voinitskii, não é só a perna, sua vida toda está perdida. É difícil para ele interpretar os sentimentos dos outros. – E para quem não é?

Vladimir Nabokov, que, depois de ter se tornado renomado entre os russos e emigrado para os Estados Unidos, já com um currículo de nove romances importantes e reconhecido em sua nova prosa inglesa, quando traduz *Eugene Oneguin*, a obra-prima de Puchkin, é severamente criticado! Seu principal crítico, se dermos crédito a Jeffrey Meyers,* foi Edmund Wilson, que se tornou bastante conhecido entre nós por *Estação Finlândia*. Pois Edmund Wilson, que fora amigo de Nabokov (licenciado este por Cambridge em literatura russa e francesa), acusou-o simplesmente de *entendimento pobre da prosódia russa e falhas sérias de interpretação*. Embora Nabokov, ao defender-se, tenha delatado o mau entendimento do russo por parte de Wilson – contando, por exemplo, que certa feita, a*o ser desafiado a ler Eugene Oneguin, em voz alta, Edmund Wilson começou a fazê-lo com grande prazer, deturpando cada segunda palavra e transformando o verso iâmbico de Puchkin em uma espécie de anapesto espasmódico com muitas hesitações que o faziam torcer a mandíbula e adoráveis sons agudos que criavam completa confusão no ritmo* –, a fama de má tradução persistiu. O denominador comum das di-

* *Edmund Wilson – Uma Biografia*. Trad. de Fausto Wolf. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997.

ferentes críticas recaia em seu excessivo zelo na manutenção da prosódia e da sintaxe russa, o que tornava o texto praticamente ilegível.

Interessante que esse debate surgiu na mesma revista – *New Yorker* –, em que apareceu o artigo da fictícia Sarah Shriber (homônima da responsável pelo departamento de arte no filme), intitulado *Soul Storage*.* É depois de ler esse artigo que Paul Giamatti procura a empresa para retirar sua alma e colocar outra em seu lugar. Convencido, retira-a, e, estupefato, vê que sua alma não passa de um grão de bico. Em seu lugar, a empresa introduz a alma de um poeta russo. Mas, diga-se de passagem, com seus recursos financeiros, o que consegue é a alma de um poeta russo anônimo e morto de fome, não a de um Lermontov, nem a de Nabokov e menos ainda a de um Puchkin – como se bastasse a alma de um poeta russo qualquer para compreender o que ia pela alma de Ostrov, de Ielena Andréievna, de Sonia, ou pela alma de Tio Vânia. Passada a excitação de um primeiro momento, quando atinge certa impressão de que, enfim, é possível ser outro sendo o mesmo, o imaginário não se sustém e ele sabe que aquele ser não é exatamente ele, e quer sua alma de volta, mas já não sabe se isso será possível...

Na peça de Tchecov, depois do surto de paixões na dacha, quando Vânia e Sonia resolvem – frustradas as ambições amorosas que mudariam suas vidas para sempre –, retomar as suas antigas vidas, resta a mesma pergunta:

* Armazenagem de Almas.

- Será possível?

Se, na vida, tudo passa, e o que se repete tende a ser diferente, o que parece manter-se é o fio de nossa relação com os objetos, com as realizações, com as conquistas. Se, de algum modo, estamos no que fazemos, então tudo, das adoções às interpretações, sejam elas de crítico ou trugimão, teatrais ou psicanalíticas, tem que ser feito sempre com a própria alma.

Março de 2011, 25.

MÚSICA, MAESTRO!

La musique est l'âme de la géométrie.[*]
(PAUL CLAUDEL, *Mémoires improvisés.*)

* *A música é a alma da geometria.* (PAUL CLAUDEL, Memórias improvisadas. Entrevistas concedidas a Jean Amrouche, em 1951 e 52. Paris, Gallimard, 1969.) – Trad. do A.

Uma vez se disse dos livros que cada um tem seu destino. Talvez se pudesse dizer o mesmo das composições musicais, pois no Sétimo Concerto da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, em 2011, vimos o quanto uma mão pode influenciar a fortuna.

Assoberbado pelo trabalho, eu decidira não ir naquela terça-feira ao Concerto, porém, quase no último momento, tomado por um impulso, resolvi comparecer. Sem conhecimento prévio do programa, fui preparado para o de sempre: Beethoven, Mozart, Rachmaninoff, Bach, Schumann, Chopin, Villa Lobos. Os clássicos nomes da música erudita! E o que assisti, contudo, foi um raro, refinado e generoso programa, composto por contemporâneos – Arthur Barbosa, Ulises Ferreti, Silvestre Revueltas e Andersen Viana –, nomes que até então desconhecia. A

seleção foi responsabilidade do Maestro convidado, Cláudio Ribeiro, e nossa Orquestra tocou as peças desses músicos pela primeira vez.

O primeiro aspecto a ser ressaltado foi a harmonia rítmica do conjunto das diferentes partituras; depois, o fato de todos os compositores, além de coevos, serem americanos. Com exceção de Silvestre Revueltas, mexicano, nascido em 1899 e morto precocemente em 1940, de uma pneumonia, e na pobreza, devido à falta de reconhecimento de que são vítimas tantos artistas e, também, de Andersen Viana, representado pela poeta Regina Mello, todos os outros estiveram presentes, o que deu ao 7º Concerto Oficial da OSPA um ar de festa!

A primeira parte foi dedicada inteiramente ao *Concerto para Piano e Orquestra*, de Arthur Barbosa: *Variações em Busca de um Tema de Matos Rodríguez*. Ao piano, Olinda Alessandrini esteve perfeita; delicadamente conduzida pela mestria de Cláudio Ribeiro, suas entradas foram sempre pontuais, oferecendo ao público toda a musicalidade de Arthur Barbosa que, aliás, ocupava, com a modéstia própria dos grandes, o lugar do segundo violino. Nascida como *marcha de candombe*, para uma *comparsa*[*] do Carnaval de 1915, no Uruguai, a peça foi estilizada por Roberto Firpo, num magnífico tango e, depois de explorada por vários músicos,

* As *comparsas* são formadas por negros e *lubolos*, quer dizer, brancos que se disfarçam de negros para participar das festas e dançar o sensual e alucinante *candombe*.

depois de explorada por vários músicos, inclusive por Piazzolla, converteu-se no *Concerto* que exigiu repetidos aplausos do público porto-alegrense.

A segunda parte foi repartida entre o uruguaio Ferreti, o mexicano Revueltas, e encerrando com o brasileiro Andersen Viana. A suíte *O Passeio*, de Ferreti (que está terminando seu doutorado em nossa UFRGS), é o resultado de seus próprios passeios pelas cidades de Rolle e Genebra, na Suíça: as amplitudes, os silêncios cortados pelos trens, como em um quadro de Turner, e, no fundo da alma, o ritmo dos tambores candombeses a expressar uma saudade. De Silvestre Revueltas ouvimos o poema sinfônico *Sensemayá*, escrito sobre o poema homônimo do poeta cubano Nicolás Guillén; sua estrutura evoca a influência africana sobre o Caribe: a matança de uma cobra exige um ritual que isente o matador da culpa – um ouvido afinado poderia ter reconhecido em *Sensemayá* um dos temas da trilha sonora do filme *Sin City*. E então, para terminar com chave de ouro, a Sinfonia nº 3, de Andersen Viana, *Terra Brasilis*, cujo primeiro movimento, um *andante místico*, *quase religioso*, abre com uma maviosa música de sinos. Repicando, eles evocam nossa mística religiosidade, fruto do cadinho cultural que conforma nossa gente e, à medida que a peça vai evoluindo para o segundo e terceiro movimento, transparece mais e mais o efeito da miscigenação onde prepondera o ritmo afro.

Um *bravo!* ao Maestro Cláudio Ribeiro por sua

regência. Um *bravo!* por revelar para nós esses composi-tores maravilhosos. E mais um *bravo!* por lembrar a essa geração que ainda há muito por fazer na música.

Junho de 2011, 1º.

SHIRIN EBADI E O EXÍLIO

Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade.

(THOMAS JEFFERSON, *A Declaração de Independência dos Estados Unidos da América*.)

Ao longo dos anos tenho aprendido que a vida dá muitas voltas. E na conferência da Dra. Shirin Ebadi, Prêmio Nobel da Paz de 2003, para o público de *Fronteiras do Pensamento*,* pude dar-me conta, mais uma vez, de quanto essas voltas são necessárias à vida. Quando ela dizia, sem citar nomes, muito discreta, que não adianta nada trocar um ditador por outro – o que acontecera no Irã, em 1979 –, minha cabeça saiu a passeio e lá estava eu, outra vez, naquele *deck* de Cortina d'Ampezzo. Corria o ano de 1980 e, às onze e meia da manhã, de um fevereiro bem frio, com um sol magnífico fascinando a todos, recostado em uma espreguiçadeira, com um babeiro refletor para melhor bronzear o pescoço, tive meu primeiro e único encontro com Reza Pahlavi! Isso mesmo, senta- do a menos de dois metros de mim estava o ex-Xá do governo *iraniano*, deposto há exatamente um ano. A seu lado, a lindíssima Farah

* Shirin Ebadi falou ao público porto-alegrense em 13 de junho de 2011.

Pahlavi, mais conhecida como Farah Diba, deslumbrante na sua simplicidade. Alta, esguia, as maçãs do rosto cinzeladas... Foi impressionante! Parecia não haver seguranças, e era tão natural que só fui me dar conta disso anos depois.

Havia me chamado a atenção o quanto ambos curtiam aquele banho de sol, naquela gelada montanha das Dolomitas, mas quando ouvi a Dra. Ebadi falar do generoso sol do Irã – e em seguida lembrei de Azar Nafisi, que morava, em Teerã, em um beco também chamado Azar, falando sobre o maravilhoso sol iraniano –, logo compreendi que Mohammad Reza Pahlavi estava ali, naquela *terrazza* italiana, tomando mais do que um banho de sol. Ele, exilado para sempre, por certo estava tentando reaver um pouco do calor e da luz de sua perdida pátria; sem sol suficiente, morreu no ano seguinte, aos sessenta anos, muito provavelmente de saudade, de banzo, como se dizia morrerem os negros arrancados da África e trazidos para a América. Mas não foi só nisso que pensei! Não me passou despercebida a diferença entre esses dois expatriados, pois Shirin Ebadi também mora no exílio, em Londres. Enquanto ele foi desfrutar longas férias, ela curte suas saudades lutando pela liberdade de seus conterrâneos. Foi o que ela fez vindo falar em Porto Alegre sobre *A luta pacifista do povo iraniano*.

Esse foi o título de sua palestra. Falou em persa, ou, como se diz por lá, no idioma farsi, a língua oficial da terra

dos arianos, chamada Irã a partir de 1935. Em farsi, sua luta é pelos *kokuka bashar* (حقوق بشر), se consigo transliterar a pronúncia de Shirin Ebadi quando diz *direitos humanos*. Havia, é claro, uma tradução simultânea, muito boa, aliás, mas não me furtei ao prazer de ouvir sua voz falando naquele idioma tão antigo, com suas origens no mesmo aramaico no qual também estão as origens de nosso alfabeto.

Shirin Ebadi luta pelos direitos das pessoas à igualdade. Ela não quer os homens e as mulheres iguais, ela quer, para eles, o mesmo direito; ela não quer que todos tenham a mesma opção sexual, quer que, qualquer seja a opção, tenham direitos iguais; ela não vê no Estado o poder de decidir qual a religião verdadeira, e também não quer ela decidir qual será a confissão do Estado. Para ela, cada cidadão deve ter a liberdade de escolher seu credo. Não lhe parece possível um crime de traição ser punido, em um muçulmano, com cem chibatadas e, em um judeu, com a morte. Pobre Shirin, ela nem critica as cem chibatadas! Condenar um traidor a uma pena capital – e aqui, traidor não é um termo aplicado, usualmente, a quem negou a pátria, e sim a quem sucumbiu às fraquezas da carne –, é desconhecer nossa fragilidade!

Todos nós nos lembramos bem do processo de Sakineh Ashtiani, em 2010, condenada à morte por lapidação. Quantos de nós assinamos listas e listas de solidariedade contra uma decisão tão cruel! Condenar alguém à morte por crime de homossexualismo? *Mon*

Dieu! Então não sabem ser uma opção disponível a todos?! Imputar responsabilidade criminal desde os quinze anos aos meninos e desde os nove anos às meninas? Amadurecem assim tão cedo nessa terra plena de sol? Ou acreditam que, por decreto, uma menina de nove anos já pode casar? Sei que a dor ensina a gemer, não que amadureça. Mas como criticar, se por aqui, em nosso país, também tem gente obrigando crianças muito pequenas a quebrar pedras para se sustentarem, quando deveriam estar aprendendo a sonhar?!

Shirin Ebadi, humana, demasiadamente humana, engana-se quando diz não ter partido! Não é difícil de entender seu engano: ela quer dizer de sua não opção, nem pelos de direita nem pelos de esquerda, qualquer seja a sigla em qualquer parte do mundo. Seu engano consiste em se acreditar assim fora de qualquer partido. Mas não! Seu partido é o das pessoas, o mesmo meu, o mesmo partido de meus colegas, pelo menos daqueles que praticam a Psicanálise tal como a entendo, respeitando o direito de cada um antes de tudo mais; o mesmo partido das pessoas que acreditam no direito de ir e vir para todos, que a lei deve ser a mesma para todos. Quando se trata dos justos *kokuka bashar* (حقوق بشر), dos direitos humanos, todos devem estar sob a mesma lei. É desde esse princípio que sua crítica à construção e à manutenção de Guantánamo, pelos Estados Unidos, se sustém. O erro de um não pode nunca abonar o erro de outro. Não há justificativa para a matança de estudantes na China, entre tantos outros horrores praticados

mos estudantes, mas, devemos perguntar: prepará-los do jeito que são preparados, quero dizer, mal, é prepará-los para a vida? E isso não é coisa de agora! Lembro meus tempos de colégio. Com dificuldade para aprender a lição, muitas vezes apelávamos para a cola, e dávamos graças a Deus quando o professor fazia vista grossa. Hoje sei: ele deixava passar, porque de algum modo reconhecia não poder ensinar melhor! A diferença observada hoje, quando o fato de ignorar os conhecimentos básicos está autorizado, é já ninguém se sentir culpado, pensando que *tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos possíveis*, como imaginava o Prof. Pangloss, de Voltaire. E agora, quando em Bolonha querem privatizar a Universidade, entregando-a aos financistas e aos industriais, essa iniciativa é para melhorar o nível de ensino, ou é para os alunos aprenderem o que interessa a quem paga? E pensar que por aqui isso vem acontecendo há tanto tempo que até já parece legítimo!

Soube de pessoas frustradas com a conferência, e eu, de certo modo, também. Ouvi críticas à falta de reflexão em seu discurso. Pode ser! Por outro lado, pode ter sido por seu discurso bem *refletir* a situação dos *kokuka bashar*(حقوق بشر) no Irã que ela foi aplaudida em pé pelo lotado Salão de Atos da UFRGS. Minha particular frustração foi de outra ordem, seu discurso pareceu-me curto demais! Eu já conhecia Shirin Ebadi desde o prêmio de Estocolmo, quando se tor- nou mundialmente reconhecida, e estava muito curioso. Por outro lado, quando soube ser a cidade em que nascera,

Hamadã, a mais antiga do Irã, já não pude deixar de associar essa informação com seu nome, também muito antigo.

Talvez a saudação inicial, feita pela Profª. Olinda Allessandrini, tocando músicas de nossa Chiquinha Gonzaga, da argentina Lia Cimaglia e da uruguaia Beatriz Lockhart, tenha criado um clima idílico (apesar de uma discreta microfonia), favorecendo minha associação com o nome de uma princesa do antigo folclore persa. Conta a lenda que certa vez, estando a princesa Shirin a banhar-se, sob a luz da lua, em um lago formado por um braço de rio, nuinha, foi avistada, de longe, pelo rei Khosrow. Embora apaixonado, ele não conseguia aproximar-se. Ela vivia em um castelo muito bem vigiado e era muito difícil fazer-lhe a corte. Foi quando Khosrow teve a ideia de mandar pintar seu retrato para lhe dar. Acontece nessa época, no Oriente – muito antes do veneziano século XVI, quando se começou a pintar retratos das pessoas, tal como elas eram –, de os príncipes serem retratados todos com a mesma cara. O argumento era de que, se diferentes fossem, seriam facilmente reconhecidos e assim presas fáceis de bandidos. Vejam só! Pois Khosrow manda pintar seu retrato e, com a ajuda do fiel valete Shapur, dá um jeito de pendurá-lo em uma árvore sob a qual Shirin descansava de um passeio no campo, junto com suas aias. E o mais incrível: ela olha para aquele retrato, igual a todos os outros, e se apaixona justamente por Khosrow. O final, depois, contudo, é trágico, como tendem a ser todas as histórias de amor. Mas, naquele

momento da conferência, junto com todo aquele público, parecíamos todos um só Khosrow (com algumas exceções, claro), apaixonados por aquela nova Shirin desnudando a situação das mulheres, dos homens, dos jornalistas presos, dos escritores censurados, dos advogados encarcerados por defenderem os injustiçados, envolvendo nossa atenção e pedindo-nos ajuda. Para quê? Em última instância, para que, respeitando o direito dos outros, tenhamos assegurado também o respeito aos nossos próprios.

Muito obrigado, Shirin Ebadi.

Junho de 2011, 13.

O RAPTO DE LUCRÉCIA

*Amor regge suo império senza spada.**
(FRANCESCO PETRARCA,
Il Canzoniere, Canto 105, v.11)

* *O amor rege seu império sem espada*. Trad. do A.

Lucrécia tinha trinta e seis anos quando procurou ajuda, e isso só depois de muita insistência de seu marido. Minha colega a descrevia como uma pessoa desbotada. Deveria ter tido seus dias, mas agora, tão descuidada, pálida, mais parecia um fantasma! Três anos atrás fora atacada sexualmente por um primo de seu marido, um homem que, na verdade, nunca tinha visto na vida a não ser em uma foto em que aparecia, junto com o esposo, em uma caçada de marrecos. Seu nome costumava vir à tona quando o assunto era caça. E nada mais! Até que um dia, justamente quando o marido estava de viagem, inesperadamente, aparece o primo com armas e bagagens; chegara, por engano, uma semana antes da data de uma nova expedição e terminou ficando para passar a noite. Jantaram juntos, com ela e seus dois filhos que ouviam encantados as histórias contadas por ele; depois recolheram-se todos.

Enquanto minha colega descrevia os detalhes de como o primo se aproveitara do sono da casa para invadir o quarto de Lucrécia, outras lembranças começaram a invadir minha mente; esboçaram-se na forma de uma pintura de Ticiano, representando *Sesto Tarquínio* e *Lucrécia*, no momento em que este, armado de adaga, obriga-a a entregar-se a ele; depois, entremearam-se às lembranças as primeiras linhas de um poema de Shakespeare dedicado a ela:

> F*rom the besieged Ardea all in post,*
> *Borne by the trustless wings of false desire,*
> *Lust-breathed Tarquin leaves the Roman host,*
> *And to Collatium bears the lightless fire*
> *Which, in pale embers hid, lurks to aspire*
> *And girdle with embracing flames the waist*
> *Of Collatine's fair love, Lucrece the chaste.*[*]

Era a história de outra Lucrécia, descrita por Tito Lívio, poeta romano que viveu nos dias do nascimento de Cristo. Quando nos relata a história da constituição da República Romana e fala do último Rei, Tarquínio, *o Soberbo*, Tito Lívio conta-nos que ele tinha um filho absolutamente desagradável, justamente este *Sesto tarquinio*, de Ticiano e

* *Da sitiada Ardea, apressadamente,/ Impulsionada pelas asas de um falso desejo, / Inspirado de luxúria, Tarquínio deixa as hostes romanas / E até Collazia leva seu fogo sombrio / que, envolto em cinzas, espreita o momento / De apertar com envolventes chamas a cintura / do formoso amor de Colatino, a casta Lucrécia.* – T. do A.

Shakespeare. O episódio envolvendo Lucrécia deu-se no sexto século a.C., durante o assédio à cidade de Ardea, um porto fortificado no litoral do Lácio, quando os filhos do Rei, junto com outros nobres, para matar o tempo, divertiam-se voltando a Roma, às escondidas, para espiar suas próprias mulheres.

Entre os nobres traquinas, Lucio Tarquínio Collatino – que depois, junto com Bruto foram os primeiros Cônsules da República –, sabia que nenhuma mulher seria mais calma, trabalhadora e fiel que a sua Lucrécia. E foi com essa convicção que levou os amigos, entre eles seu primo Sesto Tarquínio, no meio da noite, para espiá-la! Como constataram, lá estava Lucrécia pacatamente tecendo suas lãs, junto de suas criadas, enquanto as noras do Rei se divertiam em um orgíaco banquete.

Mas isso de espiar as mulheres nunca deu certo! Heródoto já havia nos contado alguns desastres resultantes do voyeurismo, como na história de Candolo, o tirano de Sardes. E o jovem Werther não se apaixonara por Lotte, ao vê-la passar manteiga no pão? Pois Sesto Tarquínio, cunhado de Lucrécia, também ficou fascinado e preso ao desejo de possuí-la. Tanto que, poucos dias depois, escondido do marido, retornou à casa deles, à Vila Collazia, com um só homem de escolta, e foi recebido com grande hospitalidade. Mas, depois do jantar, adormecida a casa – tal como na história que eu agora escutava –, ele se introduziu nos aposentos de Lucrécia que, estremunhada, viu-se agredida

por um homem armado de uma grande adaga. Ela ainda tentou rechaçá-lo, mas Sesto, muito mais forte, ameaçou-a: se não consentisse em satisfazer seus desejos, ele a mataria e ao seu lado poria o corpo mutilado de um escravo, sustentando depois tê-la flagrado em adultério.

Chegada a este ponto, antes que deixar enxovalhar eternamente seu nome, a jovem esposa viu-se constrangida a ceder aos desejos do filho do Rei de Roma. Mas, assim que Sesto partiu, ela enviou um mensageiro a Roma, para seu pai, e outro a Ardea, para o marido, suplicando viessem correndo junto com um amigo de confiança porque uma grande infelicidade havia acontecido.

Quando chegam os parentes, o marido lhe pergunta se está tudo bem, e Lucrécia, com suas lágrimas até então contidas, explodindo, responde-lhe: - *E como poderia andar tudo bem para uma mulher que perdeu sua honra? Na tua cama, meu amado Collatino, estão as marcas de outro homem. Mas quero te dizer que só meu corpo foi violado, o meu coração permanece puro e eu o provarei com minha morte. Jura-me que o adúltero não ficará impune. Foi Sesto Tarquínio! Foi ele que ontem à noite veio aqui e, retribuindo com hostilidade a hospitalidade, armado com a força, abusou de mim. Se forem homens de verdade, fazei com que esse relato não seja fatal apenas para mim, mas também para ele.*

Um depois do outro, todos juraram vingança, procurando consolá-la com este argumento: antes de tudo, a culpa recai sobre o autor da ação abominável e não sobre a vítima, e depois, não é o corpo que peca, mas a mente; logo, se falta

a intenção, não se pode falar de culpa. E ela replica: - *Vocês podem estabelecer quem a merece. Quanto a mim, mesmo me absolvendo da culpa, não significa que não terei punição*. E então, convencida de que após seu exemplo nenhuma mulher viveria na desonra, agarrada ao punhal que trazia escondido sob o vestido, plantou-o no coração e, dobrando-se sobre a ferida, entre os gritos do marido e do pai, tombou exânime por terra, *como corpo morto cai*.

Assim que o marido de Lucrécia soube do episódio – continuava o relato de minha colega –, processou o primo que foi imediatamente preso e logo solto por falta de provas, aguardando ainda o julgamento em liberdade.

O marido da outra Lucrécia, junto com o pai e o amigo Lucio Giunio Bruto, expulsou toda a família do Rei, obrigando-os a refugiarem-se na Etrúria, ato que possibilitou a criação da República Romana no ano de 509 a.C. Dante, vinte séculos depois, colocou Sexto Tarquínio no primeiro giro do sétimo círculo do Inferno, junto com Pirro, o filho de Aquiles, e não o rei de Epiro.

E Lucrécia, esta de hoje, passados vinte e sete séculos, não se suicidou, mas, tão desbotada, nunca mais foi a mesma!

Agosto de 2011, 12.

ILUMINURA TURCA*

There is no Frigate like a Book
To take us Lands away
Nor any Coursers like a Page
Of prancing Poetry.[**]
(EMILY DICKINSON, *Poems*.)

* Publicado em ZH, no Caderno de Cultura do dia 05 de dezembro de 2011, por gentil intermédio de Milton Wells.

** *Não há fragata como um livro / Para nos levar mundo a fora / Nem nenhum corcel como uma página / De empinada poesia.* – Trad. do A.

Meu nome é Vermelho. Esse é o título do romance publicado por Orhan Pamuk oito anos antes de receber o Nobel, em dezembro de 2006. É uma história fantástica e, como uma pintura renascentista, vale por si só. Seu autor nasceu e vive em Istambul, que antes foi Bizâncio, que já foi Constantinopla, quando Constantino quis cristianizar o Oriente. Istambul (cenário do romance), às margens do Bósforo – cujo sentido de *caminho de vaca* remonta à mítica Europa em sua passagem pelo famoso estreito no retorno à Fenícia –, é uma cidade no meio do mundo, entre o Oriente e o Ocidente, ainda Europa e já Ásia! A obra de Pamuk os aproxima.

Em seu discurso de Estocolmo, Orhan Pamuk, ao contar da herança de seu pai, diz-nos dessa relação. Recebida a mala de documentos que conhecia desde criança, com os escritos do pai, sentam-se os dois para conversar, como de

hábito, sobre coisas sem importância: a vida, os inesgotáveis assuntos políticos da Turquia, os projetos inacabados! E, ainda antes de interrogar seu legado, confidencia-nos uma lembrança de infância: certa vez, ao remexer nos papéis ali guardados, rescendeu uma fragrância de água de colônia e de países estrangeiros; respirou então os ares do mundo!

É disso que trata o romance do Nobel que hoje nos visita.* Ambientado no ateliê de pintura de um Sultão, no século XVI, onde se faziam miniaturas e iluminuras para os livros destinados a imortalizar a vida dos nobres, seus personagens são os humildes artistas que, para pintar um cavalo tal como visto e desejado por Alá, precisam ter desenhado cavalos por cinquenta anos, conforme aos mestres de Shiraz e Herat. Mas constam ainda outros personagens menos ortodoxos, como uma árvore, ou melhor, o desenho de uma árvore, um cão, mas um cão, como os de Cervantes, que fala para os que são capazes de ouvi-los! Não se surpreendam, passa-se o mesmo com o primeiro personagem a entrar em cena: um cadáver. E como conta coisas! Na verdade, os leitores já estão acostumados com os relatos póstumos de Brás Cubas. Alguns se lembrarão do amigo da Morte, de Pedro Antonio de Alarcon, contemporâneo do nosso Machado, e mesmo de Odisseu indo ao Hades para ouvir as recomendações de Tirésias, já falecido.

* Orhan Pamuk falou em Porto Alegre, no programa Fronteiras do Pensamento, em 05.12.2011.

Mas isso é apenas literatura, dirão! Pois perguntem a um policial quantas coisas um cadáver é capaz de contar! Claro, depende sempre de quem seja capaz de ouvir. E o que dizer da versão da história contada por uma moeda de ouro de vinte e dois quilates, um escudo otomano cunhado em Veneza?

O tema é o clássico amor e morte. Se o cadáver é um personagem, seu assassino também o é! Estamos frente a um romance polifônico, com diversos narradores, no qual se nota claramente a interinfluência das diversas culturas. Através do desenho, antiga paixão do autor, ele nos mostra como os iluminadores foram aperfeiçoando sua arte aprendida dos árabes e dos chineses, assim como dos venezianos, retratistas de individualidades. Istambul é o lugar onde as influências se mesclam. Reconheço na narrativa a valorização do início do Romantismo: ao iluminar as figuras mais simples e menos valorizadas da sociedade; na presença da moeda, como narrador, uma indicação, também, do capitalismo emergente, com uma estrutura social menos rígida e menos homogênea e com um sistema político menos absolutista e mais democrático, capaz de aumentar a liberdade de escolha individual; Mestre Cegonha, por exemplo, um iluminador, havia amealhado, em três meses de trabalho, outros quarenta e sete escudos de ouro, iguais ao narrador. E a história de amor que nos encanta, entre Negro e Shekure, ela está baseada em uma antiga lenda persa, a da Princesa Shirin e do Príncipe Khosrowk que, apaixonado, se

fez amar apresentando à Princesa um retrato onde ele aparecia, como era o costume da época, semelhante ao retrato de todos os outros homens. E o Vermelho? Um *hápax legomena*, para falar do sangue sem o qual nada é possível na história. Um livro para ser lido.

Dezembro de 2011, 04.

LER É UMA AVENTURA*

La lecture est une amitié.[**]
(MARCEL PROUST, *Sur la lecture*.)

* Escrito por encomenda de Sidnei Ferreira para o Blog *Tabacaria*, no qual foi publicado (http://sidneif.wordpress.com/2011/12/).

** *A leitura é uma amizade*. – Trad. do Autor.

Há alguns anos publiquei um livro com o singelo título de *Leituras*.* Buscava os efeitos de um autor sobre outro autor: Borges, depois de ler Cervantes, escrevendo aquele incrível *Pierre Menard*; Donaldo Schüler, depois de ler Ovídio, publicando o seu *Narciso errante*; Gerald Thomas, depois de ler Heiner Müller, encenando *Quartett*. As leituras que nos tocam produzem os mais variados efeitos. Sempre me impressionaram as leituras de presságios nas nuvens, nas folhas de chá, no voo dos pássaros, nas entranhas dos animais. Poder ler um quadro, uma escultura, a expressão dos olhos, uma contração da comissura dos lábios, aquele *frisson* a percorrer a espinha, os sonhos... De certo modo, tive a sorte de descobrir muito cedo o valor mágico das letras. Embora a primeira tentativa de introduzir-me na leitura, por volta dos três anos de idade, tenha sofrido duros contratempos, aos cinco já estava lendo, e ainda

* Editora AGE, 2004.

lembro quando, no Dia da Criança, em outubro de 1950, já com sete anos, ganhei de meu pai a recém-saída coleção das *Obras Completas de Monteiro Lobato*. Começava com *As Reinações de Narizinho*: ela tinha um par de besouros capazes de ouvir o pensamento das pessoas. Fantástico! Talvez tenha sido essa minha primeira grande viagem ao mundo interior. E houve outras. Quando, na adolescência, as interrogações sexuais se impuseram, busquei biografias. Li *Lucrécia Bórgia*, de Fred Bérence; procurei aí, página trás pagina, pelas orgias sexuais que ouvira na escola, e nada, a preocupação de Bérence era com o mundo de Lucrécia; conheci sua preceptora, Adriana de Mila, prima e confidente do Cardeal Bórgia, as pinturas de Pinturicchio, a política do final do século XV, início do XVI, e nenhum sinal do imaginário sexo! Depois veio a biografia de *Lady Wu*, de Lin Yutang. Continuaram as decepções. Só anos mais tarde, depois de ter passado por Derrida, comecei a ter alguma compreensão das relações do sexo com a política, e hoje, olhando para trás, estou certo de que a leitura do *Fausto*, de Goethe, abriu-me as portas para essa percepção. Mas se, por um lado, as leituras constituem decisivamente um caminho aberto à imaginação, por outro, não consigo imaginar como teria sido minha vida sem as leituras de Freud e Lacan, leitores incansáveis a apontar constantemente outras leituras, cujo percurso termina por tornar verdadeiras as palavras de Lao-Tsé, depois retomadas por Antonio Machado: - *o caminho se faz ao andar!* Foi assim com Odisseu, em seu périplo por aquele

mar interior: a cada passo uma nova aventura! E os lances surgem desdobrados em pelo menos duas cenas, uma terrestre, humana, e outra celeste, destacando os divinos conflitos. As leituras sempre me proporcionaram aventuras, viagens pelo mundo das maravilhas, como aconteceu com Marco Polo. Embora tenha naufragado em Ceuta, com Camões salvando os originais de seu épico, deixei-me arrastar e sofri com Miranda, mais uma vez, no ardiloso naufrágio causado pela tempestade shakespeariana orquestrada por Próspero, saindo daí, como o Enéas de Virgílio, para um admirável mundo novo. Foi quando conheci a América, pelos olhos de Colombo, a bordo do Santa Maria, escoltado por golfinhos metamorfoseados em lindas sereias. Foi nesse Mar das Caraíbas que vi erguer-se, mais tarde, pelas mãos de Erico Verissimo, a República do Sacramento e, nas mesmas águas, sumir o Dr. Leonardo Gris, patriota honesto e ex-ministro do deposto governo anterior – uma paródia de nosso próprio país –, nos mesmos moldes do sumiço sofrido por Jesús Galindez, jogado de um avião por encomenda do despótico ditador da República Dominicana, Leónidas Rafael Trujillo. O Senhor Embaixador fez parte de uma série de leituras desenvolvidas mensalmente, ao longo de 2010, na Livraria Saraiva, em Porto Alegre. Nos três anos seguintes, ao contrário, meu programa mensal de leituras foi todo ele dedicado a uma única obra: A *Divina Comédia*. Entre as inúmeras aprendizagens proporcionadas, pelo menos uma merece destaque: - não é exatamente pelo

pecado que os homens são condenados! Nos versos 16-8 do canto III do Inferno, Dante diz assim: *Noi siam venuti al loco ov' i' t'ho detto / che tu vedrai le gente dolorose / c'hanno perduto il bem de l'intelletto.*[*] Pode-se ler aí que os homens são amaldiçoados quando perdem o bem do intelecto, quando perdem a razão, enveredando para motivos secundários, ou mesmo quando não encontram um motivo apropriado para viver. E então, no final das contas, a grande aventura da vida bem pode ser a perseguição de um sonho, e este, como nos ensinou Calderón, precisa ser construído.

Dezembro de 2011, 23.

* [...] *chegando ora estamos ao conspecto / das tristes gentes das quais já te disse / que têm perdido o bem do intelecto.* – Trad. de Italo Eugenio Mauro.

MARIA E HERODES

In mense autem sexto missus est angelus Gabrihel a Deo in civitatem Galilaeae cui nomen Nazareth, ad virginem desponsatam viro, cui nomen erat Ioseph, de domo David et nomen virginis Maria. Et ingressus angelus ad eam dixit: have gratia plena Dominus tecum benedicta tu in mulieribus. Quae cum vidisset turbata est in sermone eius et cogitabat qualis esset ista salutatio. Et ait angelus ei: Ne timeas Maria, invenisti enim gratiam apud Deum ecce concipies in utero et paries filium et vocabis nomen eius Iesum.[*]
(LUCAS, I: 26-31.)

* *No sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um varão chamado José, da casa de David, e o nome da virgem era Maria. Entrando onde ela estava, disse-lhe: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!" Ela ficou intrigada com essas palavras e pôs-se a pensar sobre qual seria a significação da saudação. O anjo, porém, acrescentou: "Não tenhas medo, Maria! Encontraste graça junto de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e o chamarás com o nome de Jesus."* – Trad. das Edições Paulinas.

O **Papa Gregório X** voltara da nona Cruzada a São João de Acre, junto com o rei Eduardo I, da Inglaterra, de quem era conselheiro, preocupado com a conquista de Jerusalém. Era difícil e caro empreendê-la, motivo suficiente para convocar um Concílio. Tomadas as providências, dois anos depois, em 1274, instalava-se em Lyon, na França, o décimo quarto Concílio da Igreja Católica.

Quem também queria ir a essa reunião era o Cardeal Bertoldo Stefaneschi. Seria uma bela oportunidade de encontrar-se com Tomás de Aquino, convidado especial do Concílio e amigo comum, tanto dele como do Papa, mesmo antes de ser elevado ao setial de São Pedro, quando respondia apenas como Teobaldo Visconti. Mas resolveu não ir. Sabia do estado precário da saúde de Tomás de Aquino, fazia tempo; a viagem por certo lhe seria penosa.

E quando soube que o dominicano, Príncipe dos Escolásticos, tendo morrido no caminho, já não iria mais a conclave nenhum, o Cardeal conformou-se com sua resolução de ficar. No final, sua decisão fora acertada! Estava ocupado com a construção da Basílica de Santa Maria, no além Tibre, e isso lhe dava muito trabalho. Maria, a mãe de Jesus, era um tema comovente para ele. Sentia-se enternecido com sua história, a qual, não raro, ocupava suas conversas com o Papa.

Certa feita precisou visitá-lo, no Acre, por assuntos eclesiásticos e aproveitou uma folga, nas entrevistas com Sua Santidade, para visitar Nazaré em busca de algum indício que o ajudasse a decidir sobre qual dos dois lugares, segundo se apontava, teria ocorrido efetivamente a Anunciação. Visitou o Poço de Maria, santuário em homenagem a Virgem, alguns sítios arqueológicos, e ficou impressionado: no lugar onde os católicos acreditavam ter havido a Anunciação haviam construído a Igreja da Anunciação e o outro espaço, aquele no qual os ortodoxos acreditavam houvesse Maria recebido a notícia do Anjo, já estava ocupado, por sua vez, com a Igreja Grega Ortodoxa da Anunciação. Contudo, mesmo não tendo encontrado nenhum indício material, não estava frustrado! Ainda que vagamente, pairava sobre sua cabeça uma ideia: mais que o lugar, o importante era a Anunciação propriamente dita. Algo aí parecia ir além do óbvio.

De volta a Roma, sempre ocupado com os planos de decoração das cúpulas da igreja, deparou-se com antigos

projetos para o campanário, cuja construção fora autorizada ainda pelo Papa Inocêncio II, há mais de cem anos. Uma anotação, quase apagada, escrita à margem de uma das plantas, informa-lhe que o local da sua Basílica fora escolhido para a construção porque, cerca de quarenta anos antes do nascimento de Cristo, aí começara a brotar um óleo e esse fenômeno fora interpretado, na época, como um prenúncio da vinda do Messias. - *Da vero!* exclamou o Cardeal estupefato. O tema da Anunciação o perseguia. E as associações ocorridas a seguir cada vez mais lhe reforçavam a importância do episódio. De um lado, havia descrédito na história da concepção de Maria, sem pecado – singelo eufemismo para sem coito –, de outro, em compensação, haviam lhe dado muito crédito, talvez até demais! Herodes, o Grande, por exemplo.

Se São João de Acre, quando o Cardeal estivera em Jerusalém, não passava de um porto fortificado, imagine-se o tamanho da vila de Nazaré, mil anos antes! Como ainda hoje acontece, num lugar pequeno não há como guardar segredos. Bastou alguém ouvir dizer que por aqueles dias ia nascer o Rei dos Judeus e logo a notícia chegou quentinha aos ouvidos do paranoico Rei de Israel, o odiado idumeu Herodes, o qual, acreditando que o mal se corta pela raiz, mandou matar todos os primogênitos. Se alguns dizem ter sido milhares, enquanto outros dizem não ter passado de poucas dúzias, e haja até quem diga isso não ter acontecido (sempre há desses, não é mesmo?), o importante é isto: ele

ele deu crédito! E não vamos dizer que esse sujeito, pai do outro tarado, mandante da decapitação do João Batista, não sabia como se fazia filhos. A lição percebida por Herodes – pois burro não era! –, é que alguém, tal como estava acontecendo com ele, podia mesmo ser fecundado pelo ouvido.

Bertoldo deve ter percebido que Gregório X, por certo, havia se dado conta da alegoria – é pelo ouvido que se pode plantar uma ideia na cabeça de outro (espere-se um tempo e, se plantada na cabeça certa, ela germinará!) – e, esperto, fora-se à França; aí, para conseguir o dinheiro necessário à entrada em Jerusalém, poria em prática a técnica recém aprendida. Bertoldo Stefaneschi não era tão prático como o Papa, mas pensava mais longe. Tomado pelo valor subversivo da ideia, não tinha deixado de observar que, na meia cúpula da abside, Maria aparecia, pela primeira vez, na Arte cristã, ao lado do Cristo, no trono celestial, usando roupas e uma coroa de Rainha. A Virgem se tornara a Rainha do Céu aí, na sua Igreja! Devaneava assim quando, tomado por súbita inspiração, manda chamar seu amigo, o renomado pintor Pietro Cavallini: que planejasse uma série de mosaicos para a abside retratando a vida de Maria, começando por seu nascimento e terminando por sua morte. A Anunciação deveria ser o segundo, posicionado, com discrição, depois do primeiro, para dizer, sim, mas sem chamar demasiadamente a atenção para sua posição central. Fecundado pelo ouvido, pode-se alcançar o topo do mundo!

De Santa Maria in Trastevere, cujos mosaicos foram concluídos em 1291, o conceito espalhou-se, aparecendo logo em Pádua, na Capela Crovegni, o afresco de Giotto; em Florença, na Basílica da Santa Cruz, a escultura dourada de Donatello e, na Basílica de Santa Maria Novella, o afresco de Ghirlandaio. Logo depois, Leonardo Da Vinci, Botticelli e, entre tantos outros que também renderam homenagens ao tema da Anunciação, Jacopo Sansovino (1486 - 1570), um dos principais arquitetos da Igreja de São Marcos, em Veneza, esculpiu a sua, sobre delicadas meleagrinas originárias do Golfo de Bengala.

Em seu devaneio, o Cardeal Stefaneschi ainda pensava nos teóricos da Igreja: para justificar a gravidez de Maria, haviam recorrido à antiga teoria egípcia de que, só havendo abutres fêmeos, eles eram fecundados pelo ar: - *Certamente não tinham entendido nada!*

Julho de 2012, 26.

A MESSIAS

Locutus est autem Deus ad Noe dicens: egredere de arca tu et uxor tua filii tui et uxores filiorum tuorum tecum.[*]
(GÊNESIS, 8:15-16.)

Para nascer, nasci.
(PABLO NERUDA.)

* Então assim falou Deus a Noé: "Sai da arca, tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos contigo." – Trad. das Edições Paulinas.

Outro dia fiquei me perguntando por que os descendentes de Sem, filho de Noé, resistiam em reconhecer no nascimento de Jesus o Messias, e encontrei aí uma verdade: se ele ainda não nasceu, deve-se ficar atento a cada nascimento de um novo ser! Mas o que observar? Milagres? Atos grandiosos? Se fosse isso, teria havido ato mais grandioso do que o de Noé, dando a todos uma nova chance de vida? Quando Moisés salva o povo eleito da escravidão, no Egito, pode-se dizer que não houve grandiosidade? E da sabedoria de Jesus não se pode dizer grandiosa? A resposta óbvia é sim, para todos. Fossem gregos, diríamos ainda, para todos: heróis!

Todos esses atos foram grandiosos, sem dúvida. Mas também é verdade que em cada um houve tropeços. Noé, depois da quarentena, fascinado com sua invenção, o vinho (talvez o ato mais grandioso de todos), embriagou-se

e deixou-se ver desnudo pelos filhos. Uma cena de verdadeiro horror, pois nos primeiros tempos não havia maior opróbrio do que ser visto nu. Moisés teria demorado um tempo enorme para atravessar o deserto e chegar à Terra Prometida, a ponto de ser substituído, ao longo dos anos, por outro Moshe, conforme nos conta Ernest Sellin. Seja como for, sem dúvida, um grande feito. E, depois, quantos milagres! Não bastassem as pragas no Egito, suas mágicas que transformavam um cajado em sibilante víbora, ainda foi capaz, conforme o Rabino Meir Matzliah Melamed, de escrever os últimos versos do *Deuteronômio*, mesmo depois de morto. E os milagres de Cristo? Ressuscitar mortos, multiplicar pão e vinho, curar desenganados, e tantos outros! Mesmo não apresentando falhas, também não era o Messias. Não. Não deve ser por aí!

Para alguém ser reconhecido como Messias, talvez seja preciso algo bem menos pomposo. Está bem que seja algo da ordem do milagre, mas bem mais simples. Foi então – passada a quarentena –, que comecei a olhar para minha recém-nascida netinha. Foi algo assim como o ocorrido entre Miguelina e sua neta Francisca, no romance *Atado de Ervas*, da Ana Mariano: ao ver pela primeira vez a luz do dia, a bruxa já sabia quem ela iria ser! Diferente, porém, de Miguelina, não vi o que ela seria, nem o que faria no futuro; vi, antes, o que havia feito no momento mesmo de nascer: como que por encanto, no instante em que ela viu a luz, minha filha metamorfoseou-se em mãe, sua mãe transfor-

mou-se em vovó, meu genro, em pai, meus outros filhos em tios, e eu, ainda que um pouco tonto, tal um novo Noé, virei avô.

Agosto de 2012, 3.

O BELO GESTO DO MAESTRO

É noite; agora, eleva-se mais a voz das fontes. E a minha alma
é também uma fonte.
É noite; agora, despertam todos os cantos dos amantes. E a minha alma é também um canto de amante.
(NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra.*)

Conheci as sinfônicas nos *long-plays*, depois das grandes orquestras de Enrico Simonetti, The Platers, Burt Bacharach, Ray Conniff e tantas outras. As fotografias dos grandes maestros, ocupando inteiramente as capas dos discos, prenunciavam audições maravilhosas. Quando os clássicos começaram a entrar em minha vida, foi pelo mesmo caminho. As gravações de Leonard Bernstein, Herbert Von Karajan e Zubin Mehta levavam-me fácil, com Mozart, Beethoven, Tchaikovsky, Vivaldi, Brahms e Chopin, para lugares jamais sonhados.

O gosto pela música, de algum misterioso modo, alcançou-me ainda no início da adolescência. Peguei-o do Sr. Jacob Gremelmeyer, alfaiate de meu pai. No seu tempo de descanso, tocava violino, com os olhos fechados. Além de ter feito minha primeira fatiota, foi paraninfo de minha turma quando completei a escola primária. Um homem

admirável! Algumas vezes, por trás da cerca que separava nossas casas, eu o espiava: tocava sentado em uma cadeira de palha, no pátio, à sombra de uma laranjeira e, por vezes, erguendo-se, evolucionava o arco, parecendo reger os outros movimentos de uma orquestra imaginária. Foi aí, por entre as tábuas carcomidas da cerca, que se formou, pela primeira vez, para mim, a imagem de um maestro. Foi como se, sob o claro-escuro da ramagem, Carl Maria Von Weber ensaiasse o uso da batuta. E então o cinema mostrou-me a intimidade dessa imponente figura. Charlton Heston – dirigido por Ralph Nelson, em 1968 –, representava-o em *Os heróis não se entregam*. Quase ao final da 2ª Grande Guerra, a Orquestra excursionava pelas diferentes frentes de batalha do exército aliado, buscando levantar o moral das tropas, quando foi aprisionada pelas forças alemãs. Ao exigirem-lhe uma última *performance*, antes de ser cumprida sua pena de morte, o maestro tem de decidir quando tocar e quando não tocar; jogava com isso, tentando salvar a vida de todos.

Conheci depois a nossa OSPA. O maestro Pablo Komlós era o máximo! Ter encontrado um livro que pertencera a ele, em um sebo de Montevidéu, enriqueceu minha biblioteca. Em outra oportunidade, fui escutar um programa regido pelo grande Eleazar de Carvalho. Depois dos últimos momentos de afinação, regidos pelo *spalla*, o maestro entrou em cena, pontualmente, indo diretamente para seu estrado. Cumprimentou os músicos, colocou a batuta sob o braço esquerdo e, de costas para a plateia, em

posição de sentido, para surpresa geral, permaneceu em silêncio! E a plateia também. E não foram os 4'33" de John Cage! Passaram-se cinco infinitos minutos. Dez! Um murmurinho de angústia silenciosa percorria a sala agora apreensiva. Vinte minutos! *Sotto voce*, uma notícia percorria a sala: esperava-se a chegada do Governador do Estado. Aos trinta minutos de atraso, enfim, chegou. Acomodada a autoridade, o maestro virou-se para o auditório, bateu as cerimoniosas palmas de saudação à Sua Excelência, não mais que quatro vezes – enquanto nós, ao atrasado administrador, apupávamos –, e, voltando-se novamente para a Sinfônica, ergueu a batuta, e... *da capo*. Foi como se tivéssemos passado ao abrigo da umbrosa laranjeira, do outro lado da cerca do Sr. Jacob, e tudo mais fora esquecido. Depois conheci Tulio Belardi, Cláudio Ribeiro e Isaac Karabtchevsky, entre tantos outros. Tenho me emocionado com Daniel Barenboim, com o jovem Gustavo Dudamel e também com o precoce Edward Yudenich. Há sempre, em todos, um gesto que nos toca. Um deles aconteceu no 22º Concerto Oficial da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre, regida pelo maestro convidado, Ira Levin.

Fui preparado para ouvir a Sinfonia nº 7, de Gustav Mahler, titulada, tal como a Commedia, por outro, de Canção da Noite. Cinco movimentos em oitenta e quatro minutos, sem intervalo. Levin deve ter transpirado um litro! Tive a sorte de sentar entre as primeiras filas, um pouco à esquerda do centro do palco. Daí se podiam ver as gotas de

suor orvalhando, a cântaros, sua partitura, cujas páginas ele movia de seis em seis. Entretanto, *da capo*: como de costume, depois de o *spalla* reger a última afinação, o maestro entrou, ligeiro, diretamente para sua posição. Os movimentos, leves, porém precisos, prenunciavam música. Depois do aperto de mão ao primeiro violinista, pude notar, nos seus discretos e rápidos movimentos de olhos, os cumprimentos aos clarinetistas, aos oboístas, todos aí, os percussionistas, o pratilheiro, os flautistas, sim, os fagotistas, os contrafagotistas, os trompistas, os trombinos, o tocador de corne-inglês, sim, as harpistas, o violonista e o bandolinista também estavam aí e, por fim, mas não por último, a orquestra de cordas, com as violas e os contrabaixos à sua direita e os violinos, ocupando o centro e a direita da orquestra. Olhou brevemente para trás, para o chão, registrando, quase automaticamente, as não muito grandes dimensões de seu estrado e, com o movimento da batuta indicando a atenção para o início... chamou as primeiras cordas!

O seu lento *Langsan*, entre o largo e o adágio, foi magnífico! Depois, a *Primeira noite*, quando escutei uma forte influência de Mozart, estava feita para sonhar. O *scherzo*, intermediário, vivaz, rápido e vigoroso; ao fundo, Beethoven. A segunda *nachtmusik* deixava ouvir algo de Dvořák, as danças ciganas; permeando a alegria, entreviam-se alguns silos. E então o *rondó*final: uma explosão, o triunfo da vida! Mahler recompunha-se da perda da filha. É uma tragédia precisarmos da morte para valorizar a vida! E,

chegado ao final, enquanto o público delirava em palmas, depois de ouvir uma magnífica execução de uma composição esplêndida, o maestro, sem se voltar para agradecer os cumprimentos, apontava agora, com seu bastão, aos clarinetistas. Estes, sim, parecendo surpreendidos, levantaram-se e, inclinados, agradeceram. Apontou, em seguida, aos oboístas que, com igual mesura, agradeceram. E assim continuou, fazendo levantarem os percussionistas e o pratilheiro, os fagotistas, os contrafagotistas, os trompistas e os trombinos. E todos agradeceram. Levantou-se e se inclinou, agradecido, o tocador de corne-inglês; agradeceram as duas harpistas e agradeceram o violonista e o bandolinista que estavam aí especialmente para a 7ª Sinfonia, e, em conjunto, levantou-se e inclinou-se, agradecida, toda a orquestra de cordas, enquanto a plateia não parava de aplaudir. Foi só então que o maestro Ira Levin virou-se para o público, descendo imediatamente do tablado e, abraçado aos violinistas da primeira fila, ao centro, inclinou-se e agradeceu! Terá aprendido com Brecht que Napoleão não teria vencido nenhuma guerra sem ter levado junto ao menos um cozinheiro. Quando retornou ao palco para agradecer, mais uma vez, recebeu de presente um colorido buquê de gérberas. Festejou-o com a audiência e, em seguida, com gesto galante, ofertou-o à primeira harpista. E se foi! E nós, mais leves, começamos a deixar a sala – com outra visão de mundo!

Novembro de 2012, 27.

GARRAFAS AO MAR*

Lançar palavras ao mar – pensei!
Lançar-me ao mar, pensei também!
Voltei-me para o norte e nada, além-mar.
Voltei-me para o sul e tudo, além de
[*amar o mar.*
(DINALDO LESSA, *As dimensões do mar*).

Garrafas ao mar... Quanta solidão! Mas também um enorme desejo, quase impossível, de estar com o outro, de ser ouvido e reconhecido pelo outro. A expressão *Garrafas ao mar* é parenta dos oximoros. Quem embarca suas mensagens nas garrafas sabe que elas competirão, inexoravelmente, com os pélagos existentes entre um e os outros. O reconhecimento dessa dificuldade costuma ser o primeiro passo das viagens bem sucedidas.

Geneton Moraes Neto, jornalista, reconheceu-a. Seu tema, a vida e a obra de outro jornalista, Joel Silveira, subscreve-se ao capítulo fundamental das humanidades, a memória. Joel Silveira encarna, para esse Diretor, a memória da Memória. Ao deixar claro o profissional honesto que ele foi, a boa pessoa reconhecida por seus pares e amigos, Moraes Neto assume uma posição, define-se por

um dos lados: a igualdade de direitos para todos. Ele estabelece isso de entrada, ao selecionar os depoentes para definir o perfil do homenageado. Darcy Ribeiro é um exemplo: mesmo fracassando na defesa dos índios que tanto estudou, especialmente os da cultura kadiwéu, sempre preferiu estar do lado dos seus defensores a ficar do lado dos outros, do mesmo modo que, embora fracassando também na defesa da educação em nosso país, preferiu estar sempre do lado dos que a defendiam a ficar do lado destes que a usam apenas para promoção política. Por essa linha, segue com os depoimentos de Nelson Rodrigues, de Carlos Drummond de Andrade e de João Cabral de Melo Neto. Este, nem por ter seu poema *Vida e Morte Severina* festejado pela mídia, considera-o seu melhor trabalho. Um autor deve estar cônscio de sua obra. Nessas entrevistas iniciais, na escolha dos trechos, quase sempre curtos, Moraes Neto vai dizendo de sua visão de mundo. Um exemplo muito bom pode ser observado quando, ao tentar entrevistar o Presidente Ernesto Geisel, tem seu pedido negado: com sua negativa, o Presidente confessou, aos ouvidos atilados do jornalista, quem ele era! Moraes Neto sabe: do que está, pode-se chegar ao que não está! Suas passagens também por Fernando Sabino, um mestre da crônica, e por Paulo Francis, com sua invejável agudeza de espírito, ajudam-no a melhor caracterizar seu retratado Joel Silveira, um homem na linha de sua própria diretriz.

O que queremos dizer deve ser encaminhado de uma

determinada maneira. Como no jogo de xadrez, há saídas clássicas, as quais, dependendo da escolha, levam, por um atalho ou por outro, até ao emaranhado da selva escura do meio do caminho, onde cada um precisa exercer sua criatividade. Por isso, Geneton começa seu documentário mostrando Copacabana, a linda praia de Copacabana. Como na maravilhosa fotografia do entardecer sobre o Pão de Açúcar, seu filme nos mostra o ocaso de um dos mais importantes jornalistas brasileiros que aí viveu.

Joel Silveira foi um jornalista e escritor da estirpe de Paulo Francis, Fernando Sabino e Nelson Rodrigues, mas também foi um poeta da raça dos Drummond e dos João Cabral, e um estudioso como os Darcy Ribeiro. Estava sempre atento aos detalhes de seus personagens; em Getúlio Vargas, não deixou de notar as mãos lisas, quase femininas, os cabelos sempre bem penteados e os trajes elegantes de seu preferido linho belga de 125 fios; e, também, não lhe escapou, nesse Presidente, a necessidade de manter uma certa distância das pessoas, contracenada com a proximidade quase familiar estabelecida por Jânio Quadros que, se também intrinsecamente elegante, conhecia como os melhores teatrólogos o valor da boa caracterização de um tipo!

Geneton não deixa passar o respeito de seu colega pelas diferenças individuais, mesmo quando se tratava de denunciar a idiossincrática ojeriza de Rubem Braga pelo som das cordas de um violino. Repórter de guerra, em meio à car

nificina, Silveira identifica por nome e sobrenome um sargento metralhado, enquanto este, os dedos cruzados sobre o ventre, dava seu último suspiro. Seu relato é tão terno e comovente a ponto de levar, anos mais tarde, a filha desse valente soldado a uma visita de agradecimento ao jornalista.

Quando todos pensam no ideal de um amadurecimento rápido, Joel Silveira que, por causa da guerra, amadureceu quinze anos em dez meses, sente que esse tempo lhe foi roubado. Preferia ter amadurecido passo a passo! Talvez isso possa lançar um pouco de luz sobre seu enigmático sonho de estar sempre voltando para casa e não achar o caminho. A casa não encontrada pode ser os anos considerados perdidos. Por outro lado, porém, podemos ler aí um grande ensinamento filosófico: não há retorno possível ao passado. Podemos voltar apenas à sua memória.

Meu comovido agradecimento a Geneton Moraes Neto por ter nos propiciado, nos noventa minutos de seu documentário, essa importante memória de nossa história comum.

Fevereiro de 2013, 6.

O ENGANO DE CALVERO

Il est d'un petit esprit, et qui se trompe ordinairement, de vouloir ne s'être jamais trompe.[*]
(LOUIS XIV, Memoirs.)

* *É de um espírito menor, e que ordinariamente se engana, pretender não estar jamais enganado.* – Trad. do A.

Calvero foi um homem bom. Entrou no século XX com a experiência e a bagagem adquiridas no século anterior. Grassava uma grande insatisfação entre o povo que, pelas mãos dos anarquistas, começara a matar os governantes. Primeiro mataram o Presidente da França, Sadi Carnot, em 1894; o fato chamou a atenção porque seu assassino, o anarquista italiano Geronimo Caserio, em vez de fugir, ficou correndo em torno da carruagem presidencial gritando *Viva a Anarquia! Viva a Anarquia!* Três anos depois, assassinaram o Primeiro-Ministro da Espanha, Antonio Canovas. No ano seguinte, foi a vez da Imperatriz Elizabeth da Baviera, a inesquecível Sissi, casada com o Imperador Francisco José. Na virada do século, em 1900, acabaram com a vida do Rei Humberto I, da Itália. Em setembro de 1901 aconteceu o assassinato de William McKinley Jr., o vigésimo quinto presidente dos Estados Unidos da América. A insegurança generalizada alcançou o ápice com o assassinato

do Príncipe Francisco Ferdinando da Áustria e de sua esposa, em Sarajevo, no dia 28 de junho de 1914, estopim da Primeira Guerra Mundial.

Nesse clima aparece Calvero.

Como palhaço, divertindo as multidões, tornou-se famoso. Mas se entediou! Ao alcançar um momento de sua vida, quando sua percepção da realidade já não lhe permitia cooptar o *status quo*, abandonou a profissão! Se o riso, por um lado, ajuda a desabafar e a prosseguir, por outro, ele já não pode fazer nada que possa servir de antolhos. Sem um pouco de depressão, sem as contrariedades, as pessoas não pensam! Mas, além de divertir e acreditando não poder fazer outra coisa, Calvero pensa que não sabe fazer mais nada! E entrega-se à bebida.

Embriagado, testavilhando pelas ruas, acontece-lhe salvar a jovem dançarina Thereza de uma tentativa de suicídio. Durante toda sua convalescença ele a acompanha, ajudando-a a recuperar seu amor-próprio. Ela precisa retomar sua carreira! Incentivá-la também o anima. Precisa fazer alguma coisa. A ribalta o chama! Mas ele, envergonhado, assim o faz com pseudônimos, e fracassa, uma vez depois da outra. Embora nada seja para sempre, ele não sabe que o nome conquistado serve para valorizar novas conquistas. Sua piada mais sem graça, vejam só!, envolvia uma sardinha apaixonada por uma baleia, seu mais terrível predador. Uma vítima da Síndrome de Estocolmo *avant la lettre*! As barbatanas horizontais da cauda da baleia o fasci-

navam! Em outra cena, Thereza, recuperada, precisando fazer algo para sobreviver, atende em uma livraria, onde, para proteger um jovem compositor – chamado Neville –, vende-lhe pautas de música por um preço menor e dá-lhe troco à maior.

Charles Chaplin, o autor, ator e diretor de *Luzes da Ribalta*, sabe o que faz! O nome de batismo, atribuído ao jovem compositor, parece-me uma homenagem a Herman Melville, o autor de *Moby Dick, a baleia*. Aí, além de chamar a atenção para a peculiar barbatana da cauda da baleia, diferente de todos os outros peixes que as têm sempre na vertical, Melville deixa claro que, em um barco de caça – metáfora de nossa vida –, todos têm de ajudar uns aos outros. Ao final, dando exemplo de um *beau geste*, Chaplin convida Buster Keaton – seu antigo rival no cinema mudo –, já no estertor desse tipo de teatro, para contracenar nos esquetes. E quando Thereza retorna ao balé, reconhecido por um grande empresário, Calvero também volta à ribalta, agora com seu próprio nome. O sucesso de ambos é estrondoso! Calvero, contudo, acreditando que o sucesso vinha de atuar embriagado, bebe antes de subir ao palco e, na *gag* da última cena, cai mal, fere a coluna vertebral e morre.

Seu engano: pensar que nossa embriaguez faz bem aos outros, enquanto se trata justamente do contrário: embriagador é fazer bem ao outro! Embora os dicionários tendam a dar como primeiro significado de *embriaguez* o estado alcançado pela ingestão de bebidas alcoólicas, não

podemos esquecer que seu segundo sentido, tornado aqui primeiro, diz de uma exaltação, de uma enlevação, de um êxtase causado por grande alegria ou admiração. Talvez Aristóteles estivesse com razão, ao falar de retorno à natureza. Se ambos os sentidos de embriaguez dizem de uma intoxicação pela natureza, a derivada do álcool e similares é sempre, necessariamente, artificial, enquanto a embriaguez pela alegria de ajudar o próximo advém de uma conquista sobre nossa humanidade!

Março de 2013, 5.

TRANSITORIEDADE

Como as coisas deste mundo são de natureza transitória e mortal, é evidente que todas, em si próprias e fora de si próprias, são geradoras de angústia ou de cansaço e sujeitas a perigos infinitos.
(J.BOCCACCIO, *Decameron, 1ª Novela, 1ª Jornada – Narrada por Pamfilo.*)

Gosto das exposições de arte porque elas, de modo geral, exercem em mim uma função antialienação. As propostas dos artistas, quase sempre inovadoras, arrastam minha percepção para novos ângulos. É a vida mostrando sempre novas facetas.

O efeito da mostra de Marília Bianchini, ao expor o seu *Elogio da transitoriedade*, causou-me singelo efeito: levou-me a retomar antigas lembranças. Enquanto eu examinava o quadro escolhido por ela para representar a exposição no convite, uma bengala alçando voo, sustentada por quatro balões, impresso sobre um papel artesanal feito de fibra de bananeira, arroz e algodão, provisório como as metáforas pintadas, comecei, como se diz, a dar tratos a bola. Passageira, a vida do homem tem, na bengala, a terceira perna vaticinada a Édipo pela enigmática Esfinge, uma alegoria apropriada. Os balões de gás, transitórios como a

própria vida e inflados como um ego narcista*, podiam ser lidos como aquela expressão latina, não raro aparecida em relógios de parede: *Tempus fugit*.

O tema me sensibilizara desde a leitura de um texto de Freud, escrito em 1915. Era o começo da Primeira Guerra Mundial e o Pai da Psicanálise a comentava, desde a transitoriedade do encanto da natureza, no verão, vencido pelos rigores do inverno, até o destroçar das realizações da civilização. Freud se assegurava na esperança de que, assim como, vencido um período normal de luto, nossa libido fica livre para um novo investimento, também isto aconteceria em relação às perdas causadas pela guerra: depois, reconstruir-se-ia tudo, em terreno ainda mais firme. Quando o li, no final dos anos 60, o ideal do Mestre me comoveu. Acho que por isso fiquei tão tocado com o livro de Alvin Toffler: *O choque do futuro*, surgido poucos anos depois.

Para dizer da crescente velocidade do futuro caindo sobre nós, depois de *A morte da permanência*, Tofler, no capítulo seguinte, abordava *A transitoriedade*. A partir de uma observação sobre as constantes atualizações da bonequinha Barbie, a mais vendida de todas, em todo o mundo, em todos os tempos, o autor nos alertava: o*s relacionamentos do homem com as coisas estão se tornando cada vez mais temporários, efêmeros*. A boneca de trapo, companheira de sempre de tantas

* A grafia da palavra narcista deve-se a uma concordância com S. Freud que não gostava da partícula *is*, tendo-a suprimido tanto de *narzissismus* como de *Sigismund*.

amiguinhas, já não teria mais lugar. A estabilidade aprendida na infância, em casa, desmoronava. As profissões tornavam-se passageiras, umas dando lugar a outras. Os valores mudavam!

Talvez Freud estivesse, então, demasiadamente próximo da guerra para avaliar seus efeitos. As palavras cautelosas de Mao Tsé-Tung, quando lhe perguntaram, duzentos anos depois da Revolução Francesa, sobre seus efeitos, ainda se fazem ouvir: - *É muito cedo para uma avaliação precisa!* E recém estamos completando cem anos da primeira grande guerra, sem esquecer que logo depois tivemos uma segunda, ainda mais devastadora.

Nasci quase ao final dessa Segunda Guerra Mundial, longe do palco, mas não de seus efeitos. Lembro-me da perseguição aos emigrantes que, recém chegados da Europa, não conseguiam falar português. E na escola, onde ainda valiam os valores de antes, aprendia então a importância da casa alicerçada na rocha; mas, agora, vejo proliferarem as construções na areia. Na época, era preciso estudar muito, até para alcançar uma nota média, e hoje tendem a aprovar os alunos, mesmo sem aprender, gerando uma população de analfabetos funcionais.

Estava nisso, e, devaneando com os coloridos balões, choquei-me com a lembrança do padre Aderlir Antônio de Carli. Não faz muito, ficou conhecido por sua autodenominação de *Padre Voador*. Sustentado por mil balões de hélio, fez-se aos ares, desde o porto de Paranaguá, contra

a opinião de todos os seus paroquianos, contra o tempo encoberto, ventoso e prometendo chuva, e até contra a força do significante.* Nada o dissuadiu de seu voo em direção ao interland. Suas últimas palavras, pelo celular de bateria fraca, três minutos e poucos segundos depois de ser levado pelos ares, já perdido entre os úmidos nimbos, foi um pedido de ajuda para operar seu GPS. O drama sobreveio em meio a uma tormenta, com o padre possivelmente alucinando, sobre os terríveis trovões, as notas wagnerianas do *Holandês Voador*, cuja visão é sempre trágica. Dias depois, um pedaço de seu corpo, ainda preso aos cordames de um paraquedas, foi encontrado no litoral do Rio de Janeiro, levado pela mesma corrente fria que não raro arrebata pinguins do polo sul. Vida, projeto e viagem, todos rápidos. Um absoluto despreparo.

Nós já sabemos, pelo menos desde quatrocentos anos antes de Cristo, por Hipócrates, de um contraponto: se *a vida é breve, a arte é longa*; mais longa que o sonho de voar. Dédalo – artista mítico de diversas artes –, sabia: para voar, é preciso muito cuidado! Ícaro não o considerou e caiu no mar. Leonardo da Vinci, na Idade Média, gastou muito de seu precioso tempo projetando uma estrutura apropriada para voejar; se não voou, legou-nos princípios importantes a serem considerados na sustentação do mais pesado que o ar. O Padre Bartolomeu de Gusmão, este sim um estudioso da

* O nome do porto de onde partiu – Paranaguá –, pode ser escandido em para-n'-água, tal como de fato lhe aconteceu.

arte do voo, o legítimo Padre Voador, subiu aos ares, no princípio do século XVIII, o primeiro aeróstato, a sua *Passarola*. Dois séculos depois, Santos Dumont voou.

Os balões haviam sido o sonho do padre Carli, desde a juventude. Seu interesse, porém, recaíra sempre no aspecto lúdico. Suas tentativas de voar fracassaram quase todas, com exceção da última, um mês antes da fatídica experiência, quando disse ter superado os 3.900m do americano Ken Couch, recorde de altura nessa categoria de voo. Os 5.337 metros, supostamente ascendidos por Carli, não mereceram, contudo, o crédito do *Guinness Book*. Marcio Lichtnow, instrutor de parapente, havia-o expulsado de sua escola, por indisciplina e exibicionismo, classificando-o como um pretensioso que pensava saber tudo, mais parecendo um *playboy*; desgostava-o, sobremaneira, a teoria, e não aprendeu nada de meteorologia. Incensado por seu movimento em defesa dos moradores de rua, pretendia, com seu voo temerário, angariar dinheiro para prosseguir com seus projetos sociais, mas, como um novo Ícaro, agiu sem ouvir a orientação de seus predecessores.

Aderlir de Carli foi uma vítima, pelo menos em parte, destes tempos em que só o dinheiro parece ser o remédio para todos os males. O direito ao consumo é o equivalente, hoje, a um tíquete de ingresso ao paraíso, e quase esquecemos que *todo homem é mortal*. Desde o advento da Psicanálise, Freud nos alertara desta humana tendência: no inconsciente ninguém acredita na própria morte! No lugar

do reconhecimento dessa verdade, desconfiamos é do homem. Por isso temos de fazer um constante esforço para valorizar o fugaz instante da vida, dando-lhe uma transcendência. O Vaticano havia tomado para si esse papel, mas desde o abandono da *Coroação Papal*, substituída pela *Inauguração do Pontificado*, após a elevação de Paulo VI, em 1963 – quatro anos antes de Aderlir vir ao mundo –, deixaram de lado as três paradas rituais, durante a procissão, quando o mestre de cerimônias recitava, com todas as letras, três vezes seguidas, enquanto queimava uma mecha de estopa: *Sancte Pater, sic transit gloria mundi* (*Santo Padre, assim passa a glória do mundo*). O que parece superficial, muitas vezes não o é! Ao alertar o Papa, alertava-nos também. Se a vida e as honras terrenas são transitórias, algumas o são mais que as outras. O gesto de Aderlir de Carli, digno apenas do ominoso prêmio Darwin, está hoje praticamente esquecido, enquanto a dedicação de Bartolomeu de Gusmão, inventor precoce, se não recebeu nenhum prêmio, nunca foi olvidada; seus estudos e invenções prestaram um grande serviço à humanidade.

Se tudo é transitório, temos de deduzir da transitoriedade sua permanência. O aforismo de Hipócrates, por exemplo, continua vivo! E se a arte transcende os tempos, podemos manter a esperança de ver o sonho freudiano realizado: passados os efeitos devastadores das doloridas perdas da humanidade, cumprido um luto, talvez ainda por duzentos anos, mesmo já não sendo os mesmos, mais madu-

ros, valorizando a educação primária, poderemos voltar a uma relação estável com os objetos e, inspirados em Thiago de Mello, conseguiremos confiar no homem, *como um menino confia em outro menino*.

Julho de 2013, 8.

PAIS E FILHOS

Qui parcit virgae suae odit filium suum
qui autem diligit illum instanter erudit.
(Proverbia, 13:24)*

Natura generata il suo camino
Simil farebbe sempre a'generanti,
*Se non vicesse il proveder divino.***
(ALIGHIERI, *Paradiso, VIII:133-35*)

* *Quem poupa a vara, odeia seu filho; aquele que ama, aplica a correção.* – Provérbios, 13:24.Trad. das Edições Paulinas.

** *Decerto o ser gerado o seu destino / Haveria ao paterno semelhante, / Se não prevalecesse o dom divino*. - Trad. Cristiano Martins.

Meu pai foi um grande contador de histórias. Gostava disso! As anedotas bem humoradas eram suas preferidas. Contava uma depois da outra e quando pedíamos mais costumava dizer que tinha um saco cheio, mas as formigas não raro comiam justamente aquela que ele queria contar. Na verdade, gostava de nos ver insistir.

Suas fontes eram as mais variadas. A maioria, estou certo, vinha dos contos dos irmãos Grimm. Aquela chamada *O lobo e os sete cabritinhos* eu sabia de cor; quando o lobo procurava pelo filhotinho escondido dentro do relógio, podíamos sentir até sua respiração! Hoje sei que em cada conto aumentava um ponto. As botas do gato, da história de Charles Perrault, por exemplo, tais as dos gaúchos, portavam reluzentes e sonoras esporas. As de colorido gauchesco tinham as cores dos contos de João Simões Lopes Neto, e acho que muitas ele mesmo as inventava por inteiro.

A preferida, entre as que me ajudavam a render-me ao sono, contava a história de um menino que dormia no cuidado de cavalos: quando a noite ia alta, apareciam-lhe três cavalos muito bem encilhados, ficavam por ali pastando e, de repente, metamorfoseavam-se em príncipes vestidos um de bronze, outro de prata e o terceiro de ouro, propondo-lhe provas que tinha de vencer para ganhar os prêmios dourados. Parecia-me mais excitante do que a história dos yahoos, escravos dos Houyhnhnms, na última viagem de Gulliver. Outra vez, contou-nos a de um homem que estava por morrer: desenganado e sem recursos nenhum, o capataz de um fundo de campo não tinha sequer um padre para lhe dar a extrema-unção. Um padre? Isso seria um luxo. Não tinha nem mesmo uma vela para segurar! Foi então que sua fiel companheira, uma índia aquerenciada, em vez de um círio, colocou em sua mão um tição colhido do borralho. Mal o xiru velho sentiu o calor queimando a mão, reuniu suas últimas forças e exclamou, com a voz arrastada: - Morrendo e aprendendo!

A morte era um de seus temas. Ainda menino, aprendeu a valorizar a queda: quando, no tropel em busca de uma vaca desgarrada, o cavalo de seu pai, ao enfiar a pata em um buraco, rodou, veio a morte galopando para lhe ceifar a vida. Mas a aprendizagem mais importante, a da própria morte, é verdade, cada um leva consigo. Morrendo e aprendendo!

Assim, divagando, para seguir a tradição, pareceu-me

dever ensinar algo a meus filhos, de preferência, antes de morrer. Mas já grandes, sabem ler, escrever, fazem contas e também contam seus próprios contos! Que mais lhes ensinar? Foi quando me surgiu a pergunta: o que tinha aprendido de meus pais? A primeira lembrança foi a da autorização para ir a uma festa do pessoal da minha idade, sem a companhia dos adultos. Papai me chamou a um canto de seu quarto, ajeitou minha gravata, certamente uma das suas, emprestada, e me disse: - *Meu filho, quando te deixo sair, não estou te dando liberdade e sim responsabilidade. Lembre-se disso*. Pois nunca me esqueci dessa advertência. Valorizo a contingência e aprendi com ele a ser honesto.

E minha mãe? O que me ensinou? Que pergunta! Era professora. Ensinava de tudo, e a morte também não lhe era estranha. Mas, antes de suas palavras, embora fosse grande leitora, lembro-me de seus atos, todos ditados por um entranhado senso de dever para com o outro. E, quando as coisas começavam a querer andar fora dos trilhos, sabia ser dura. Aliás, meu pai também. Nisso eram solidários. Se não era como Ethan Allen Hawley, de quem Steinbeck nos conta que, só por distração, pensava em chicotear os filhos, quando minhas travessuras passavam de certos limites, não muito largos, sabia recorrer à cinta para umas boas lambadas. Mas talvez o mais importante dos ensinamentos de mamãe tenha sido o da existência de um outro mundo! Desde pequeno sempre me manteve familiarizado com o mundo dos espíritos. Com eles, ela falava, e eles com ela! A nós restava

o ciúme. Sim, porque, para essas comunicações com as almas dos finados, vinha gente de muitos lugares, sempre muito carente e necessitada de atenção. Ela amparava a todos! Costumeiramente levava-lhes uma palavra de conforto. Ensinava resignação. E isso lhe dava forças para viver e continuar seu trabalho. Mais tarde, quando já me tomava por adulto, meu pai falecido, ela veio morar comigo e eu, confundido, sem ter captado a importância e a necessidade de seu trabalho, muitas vezes, em nossas discussões, injusto, interpretava-o como um indevido motivo de orgulho: apoiava-se nos mais fracos para sentir-se mais forte! Nessa época, eu pensava que cada um tinha de encontrar seu próprio caminho; e ainda penso de tal modo, embora agora reconheça haver, antes e além disso, muitas outras maneiras de dar a ajuda de que todos precisam, seja para andar, falar, conseguir um trabalho, entender as regras, encontrar-se, lidar com as perdas, viver. Mais cedo ou mais tarde, todos precisamos de alguma ajuda; uns mais, outros menos. Quando nascemos em um mundo que nos supre apenas de algumas necessidades básicas, nem sempre é fácil entender a existência e a realidade de outros mundos, com outras formas de vida. Mais fácil acreditar na ficção científica.

Tempos depois, eu mesmo passei a me ocupar de pessoas com necessidade de ajuda para entender a si mesmas. Descobri na linguagem um método para perscrutar outro *outro mundo*, agora interior, ainda que constituído de uma infinidade de outros, inclusive de outros já idos. Mas,

para entender a linguagem de minha mãe, foi preciso esperar mais tempo; para reconhecer a verdade de sua dedicação ao outro, tão óbvia, tão transparente, precisei de quase toda minha vida, já não tão curta. Ajudou-me, imensamente, parece incrível, uma frase, mesmo um pouco áspera, de minha filha mais velha. Foi quando lhe pedi para parar de fumar; sei que é uma coisa difícil de fazer, tanto o parar quanto o pedir, mas eu acabara de ser alertado de uma possível tendência familiar ao câncer e achei que seria minha obrigação avisá-la. Ainda brinquei, dizendo-lhe que, mesmo ela sendo implicante, eu a amava, e queria que vivesse saudável por muitos anos. Sua resposta veio rápida: - *É! Implicância e câncer são hereditários*. Ah! Meu pai! Tanta responsabilidade assim também não! Mas ela tinha razão, pelo menos em parte: de um lado é verdade, os filhos saem parecidos aos pais. Atená, ao nascer da cabeça de seu pai, Zeus, já toda armada e dançando a pírrica, não se lhe parecia no gosto e na disposição para a guerra? As marcas masculinas em Madame Bovary, junto de toda sua capacidade de entrega, absolutamente feminina, revelam um traço de Flaubert, seu criador, como no seu tempo denunciou Baudelaire. Verdade que minha filha, ao tornar-se advogada, deu curso ao valor familiar de justiça. Meu filho, ao seguir seu caminho, colocou, na preocupação em ajudar o outro a se encontrar, sua marca pessoal: busca recuperar empresas que em algum momento de seu percurso perderam as rédeas da administração. E a filha menor tomou a

sério o valor da arte, para mim e meu pai, até então, apenas um *hobby*. A arte nos mostra facetas da vida, invisíveis sem os seus filtros.

Isso, porém, não é tudo. Carlos Martel, quando visita Dante no céu de Vênus, e discute com ele a transmissão dos valores do pais para os filhos, logo diz que, para de Sólon ou Xerxes nascer um filho que lhe corresponda, não é bem assim; outro Melquisedeque não se fez! O exitoso Dédalo gerou o fracassado Ícaro. Esaú e Jacó disputavam suas diferenças desde o ventre materno, e a paternidade sanguínea de Romulo, o fundador de Roma, é obscura.

Hereditariedade, sim, mas não apenas a do sangue. Se o panteão dos nomes do pai de cada um é obscuro, a manutenção dos valores familiares indica também, forçosamente, outra gênese, aquela resultante de uma adoção. Os filhos que dão certo são os adotados pelo coração. Mesmo os pais de sangue precisam adotar os filhos para que tenham direito à vida. Quando Odisseu retorna para casa, passados vinte anos, a única pessoa a reconhecê-lo é sua ama, sua antiga babá. A identificação, tanto a centrípeta, como a centrífuga – para usar uma terminologia de Wallon –, exige intimidade. Quem não se lembra da governanta da família Von Trapp, na película de Robert Wise, *The sound of music* (1965), interpretada por Julie Andrews, a noviça reberde? Sua dedicação às crianças, e ao pai das crianças, diga-se de passagem, aproximou toda a família. E mais, aproximou, e segue aproximando as plateias. Encantadas, elas vêm cantar

junto com os atores; e estes, por sua vez, a cada ano pelo menos, reúnem-se, desde então, para comemorar esse sucesso que continua a emocionar as multidões – o capitão Von Trapp, ao violão, dando o ritmo para todos cantarem. Tamanho êxito por certo faz pensar na enorme carência dessas afluências.

Entre a mulher que simplesmente põe um bebê no mundo e a mãe que adota, existe toda uma gama refratada pelo interesse dedicado ao filho. Se existem as loucas que se desfazem do feto no lixo, as medeias que os espicaçam para vingar-se dos maridos, as mafiosas que acreditam ser o filho coisa sua, de seu especial deleite, há também aquelas que tomam o sentido de parir ao pé da letra, qual seja, o de dar um filho à luz, dar um filho ao marido, dar um filho para o mundo e, para isso, são capazes de, como o pelicano, o *Pie Pellicáne*, dar de comer ao filho a própria carne ou, ainda, como Maria, tecer com lágrimas o sudário do filho nascido para ser um rei.

E então aprendi: para os pais ensinar aos filhos, basta aos primeiros viver suas próprias vidas; os filhos aprendem o que percebem! Vivendo e aprendendo.

Agosto de 2013, 2.

OS SUSPIROS DO REI DE SIÃO

Para Bryan Parsley
(One authentic sea diver)

Contam que quando Salvador Dali foi convidado a dar uma conferência sobre sua arte, o surrealismo, ele teria encomendado de uma loja especializada, em Londres, um escafandro. Ao lhe perguntarem para qual profundidade queria a armadura, respondeu: - Para descer às profundezas do inconsciente.
(PAULO BRANDÃO, Relato pessoal.)

Falar da paixão, como de qualquer tema complexo, não é assunto fácil. Não esperemos acordo, nem mesmo entre os dicionaristas. Houaiss nos dá para o verbete, como primeiro sentido, o *sofrimento de Cristo na cruz*; Aurélio registra, de entrada, um *sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão*; Rodrigo Fontinha, no Porto, privilegia um *sentimento ou afeto violento, como amor, ódio, ira, ciúme, inveja, etc*. Os fatores que levam cada autor a começar por uma ou outra ponta são inextrincáveis. Sua etimologia, do latim *passĭo, ōnis*, em todo o caso, conota, sem dúvida, uma *emoção levada a um alto grau de intensidade*. São esses sentimentos que não raro marcam nossa vida! Entre os estudiosos do tema, Lacan, ao amor e ódio, acrescentou uma terceira paixão: a *ignorância*. Verdade que, quando queremos avançar em algum tema, tomar a ignorância como premissa costuma ajudar. E não é raro nos

levar aos lugares mais inusitados.

Reconheço no mergulho, desde a juventude, uma de minhas grandes paixões. Como disse Jacques-Yves Cousteau: *Depois de lançar seu feitiço, o mar prende a gente em sua rede de maravilhas para sempre*. O feiticeiro foi meu padrinho, ao marcar meus doze anos presenteando-me um *snorkel* e um par de pés-de-pato.

Fui um autodidata nas imersões de superfície! Para começar a mergulhar mais fundo, com cilindro, frequentei uma *dive school*, onde começávamos mergulhando em piscinas para depois ir ao mar, e logo obtive meu *C-Card*. Hoje, depois de ter frequentado muitos dos cursos oferecidos ao redor do mundo, minha licença internacional – *PADI Open Water Diver* – alcançou o grau de *Instrutor de mergulho noturno*. Valeu a pena: três horas depois do escurecer os peixes dormem e podemos observá-los mais de perto, com maior detenção, enquanto sonham.

Meu outro amor é minha mulher. Conheci-a no início dos mergulhos mais profundos. Estávamos no Havaí, em um barco pequeno voltando de Molokini, distante quatro quilômetros de Maui; tínhamos ido descobrir o famoso *Reef's End*, um braço submerso da cratera de um vulcão extinto. A cento e sete metros de profundidade, uma miríade de golfinhos brincalhões e logo um casal de jamantas, cada uma com mais de seis metros de envergadura. Foi quando ela comentava com uma colega, ainda no barco, sobre a galante dança do amor dessas *mantas birostris*, prévia ao aca-

salamento, que nossos olhares se cruzaram. Ambos entusiastas, embora de diferentes procedências – ela se dedicava à oceanografia e eu havia me tornado um especialista na construção de diques e quebra-mares –, logo nos enamoramos. Desde então, sempre mergulhamos juntos! Encantamo-nos com o balé de um polvo em Cozumel; tivemos a sorte de mergulhar ao lado de um tubarão-baleia, em Belize, e ajudamos a desmistificar a ferocidade dos tubarões brancos, estigmatizada no clássico de Spielberg, mergulhando com eles, sem a proteção das gaiolas de ferro, em Gansbaai, na África do Sul. Uma vez, quando estava em Port Said, fazendo um trabalho para a Companhia de Administração do Canal de Suez, uns amigos nos convidaram para repartir o aluguel de uma *van* e ir mergulhar em Sharm El Sheikh. E lá fomos nós, sacolejando por quinhentos quilômetros em direção ao extremo sul da península do Sinai, para encontrar, no litoral da antiga Ofira, aos pés do monte onde Moisés recebeu as tábuas da lei, os mais lindos corais do mundo e cardumes e cardumes dos mais variados peixes coloridos que se possa imaginar. Na volta, o motorista maluco, como parecem ser todos eles naquela parte do mundo, ainda inventou de nos levar a Petra, na Jordânia; mas isso, como costumava dizer o *bartender* do memorável *Irma, la douce*, já será outra história.

Agora, uma coisa temos de dizer: de todos os lugares já visitados, incluídos as paredes de Fernando de Noronha,

os naufrágios em Pirapama, no Recife, e também em New Providence, nas Bahamas, as cavernas de Bonito, o multicolorido fundo de Bonaire, o lago aquário de Bora Bora, o parque marinho Baie Ternay, nas Ilhas Seychelles, com seus exóticos camarões-gafanhotos, peixes palhaço e cavalos marinhos, Santorini, onde ainda se pode caçar um mero, e outros lugares que já não lembro, nada se colaciona, para nós, ao mergulho na Tailândia. Faz-se aí todo o tipo de imersão, dos mais simples, na protegida ilha de Ko Tao, dentro do golfo, aos mais complexos, como na ilha de Ko Phuket, por exemplo, no Mar de Andaman, por entre uma variadíssima fauna, desde os coloridos corais duros e moles, até, digamos, a cardumes de tubarões-leopardo, que se não são enormes, são lindos, e ainda arraias, tubarões-baleia, os destroços do ferry King Cruise, uma jubarte, com sorte, sem falar nos infindáveis peixinhos multicoloridos.

Mas não é só isso! A doçura do povo tailandês é demais. Não é à toa que seu país é conhecido como o país dos sorrisos. Nunca nos sentimos tão bem recebidos como aí! Sua história é também um convite ao mergulho. Quem não se lembra de *O rei e eu*, de Walter Lang, com Yul Brynner imortalizado no papel do autocrático rei Mongkut? Habitado desde dez mil anos antes da nossa era, é bem provável tenha sido aí, no vale do rio Mekong, o início da agricultura; quatro mil anos a.C., já cultivavam arroz; menos de mil anos depois, conheciam a metalurgia do bronze. A pujança desse rio é incrível; recentemente, foi pescado nele

uma raja gigante de duzentos quilos, a maior do mundo encontrada em água doce; na sua foz naufragou Camões, junto com os manuscritos de *Os Lusíadas*. Certa feita, fomos assistir, no teatro Siam Niramit, em Bangkok, ao balé *Nora*, típico da zona sul do país. Elegante, gracioso e animado. Seu ritmo alegre levou-nos a esticar a conversa durante o jantar. Era uma noite muito agradável e, depois de caminhar um pouco, tomamos um táxi até ao Khinlom Chom Sa Phan, não muito longe do centro, junto ao rio Chao Phraya. Enquanto nos deliciávamos com caranguejos, depois de uma entrada de vieiras, com aquela pimenta bem deles, impressionados com uma certa pompa na decoração e no serviço, provavelmente de influência inglesa, começou a clarear para nós a diferença entre o balé que tínhamos acabado de assistir e os bailados do Norte.

Nora conta uma história de amor. Em um momento são muitos pares, mas depois é só um que importa. Os movimentos, o ritmo, a alegria, uma descrição de seu modo de amar! Era nosso aniversário de casamento e pedimos duas taças de champanhe para brindar. Fomos tomá-la no terraço. Apesar de já ser bem escuro, as luzes de uma ponte *high-tech*, logo ao lado, permitiam ver o vaivém dos grandes e lentos barcos. Pareciam as danças do Norte. Elas são mais suaves, celebram o trabalho agrícola e os ritos religiosos. Mas não se pode negar que são todas encantadoras. Reencontramos os mesmos movimentos nas esculturas das paredes dos santuários, em estuque, e também em bronze. Aliás,

havíamos recém comprado, antes do espetáculo, em uma loja no interior do teatro, uma estatueta representando uma dançarina. Seu movimento gracioso sobre a mesa do jantar inspirava nossa conversa. A influência de Buda vê-se por todas as partes. Em um templo em Borabu, por exemplo, no interior de Khon Kaen, muito parecido com o Wat Chedi Luang, situado no centro histórico de Chiang Mai, embora menos visitado, em algumas noites quentes os homens honestos podem ver a deusa Tara, toda nua, passeando por seus frisos externos. A fama do lugar era tanta que muitos vinham na esperança de contemplarem tão bela e fugaz visão. As descrições da deusa superavam-se umas às outras. E os homens, talvez buscando para si essa inencontrável beleza, casavam-se com uma mulher depois da outra, formando infindáveis haréns. O rei atual, Rama IX, há mais de sessenta anos no poder, tem apenas um filho com sua esposa, mas alguns de seus antecessores, quando o país ainda se chamava Sião, como o rei Nagklao, Rama III, teve cinquenta e um filhos com diversas consortes, um costume tanto mais comum quanto mais antigo. Margaret Landon, quando nos conta o sufoco vivido por Anna Leonowens, na corte de Mogkut, em *Ana e o rei*, dá-nos a entender que o monarca determinava a cada vez uma nova amante. Ah! Não deveria ser fácil ter que escolher todos os dias a companheira de cada noite! E naquelas, então, quando só queria dormir, como fazer? Por certo haveria de dar longos suspiros. Machado de Assis contou uma vez que as estrelas, quando

viam subir, através da noite, muitos vagalumes cor de leite, costumavam dizer que eram os suspiros do rei de Sião que se divertia com suas trezentas concubinas. Tratava-se certamente do período Ayutthaya, cuja prosperidade ajudou a definir o país de hoje. Uma noite, suspirou tanto o rei Kalaphangko, e foram em tal quantidade os vagalumes, que as estrelas, de medrosas, refugiaram-se nas alcovas, e eles tomaram conta de uma parte do espaço onde se fixaram para sempre com o nome de Via-Láctea.

Fascinados, minha mulher e eu, hoje, mergulhamos nas estrelas.

Dezembro de 2013, 31.

PUBLICAÇÕES DO AUTOR

Pagar com palavras
(Organizador)
Movimento, 1984

Da miséria neurótica à infelicidade comum
Movimento, 1989 – 1ª ed. / 2009 - 2ª ed

FREUD / LACAN
O desvelamento do sujeito
AGE, 1999

Os editoriais do Mensa[je]*rio*
Recorte, 2000

Leituras
AGE (2004)

Incidentes em um ano bissexto
EDA, 2009

PONTO CONTRAPONTO
- Significante e Discurso na Psicanálise -
HCE, 2012

Um elefante em Albany Street
- A arte da descrição discreta -
HCE, 2012

O texto completo da orelha pode ser lido em

http://www.tellesdasilva.com/IluminuraturcaorelhaDS.pdf

Texto composto por
EDA
em tipos Garamond, corpo 13,
e impresso sobre papel Polen Soft 80 g/m^2 (miolo)
e cartão supremo 250 g/m^2 (capa),
em outubro de 2015, pela Gráfica Calábria.
Porto Alegre, RS, Brasil.